O MALHO
ANNO XXXIV
NUMERO 85
17 Janeiro 1935
Preço 1$200
Walter Maya

Reapparecerá brevemente a "Illustração Brasileira". Guardando embora o antigo feitio que a distinguira sempre entre todas as revistas do nosso paiz, essa grande publicação reapparecerá com um vasto programma em que as preoccupações de arte, sciencia, politica, litteratura, religião, economia, etc., encontram echo.

Circulando mensalmente, como na sua phase anterior, a "Illustração Brasileira" conterá, em cada numero, uma synthese brilhante da vida nacional, com os seus grandes problemas e os seus factos mais transcendentes, focalisados pelos nomes de maior evidencia em cada especialidade.

Com um programma organisado em taes bases, esse mensario tornar-se-á uma publicação preciosa e indispensavel, impondo-se desde logo ao acatamento da sociedade brasileira e de todos os seus orgãos coordenadores e orientadores.

Quanto ao aspecto material, a "Illustração Brasileira" manterá o seu formato magestoso, a sua impressão esmerada, em papel magnifico, emfim, com todos os requisitos de uma confecção caprichosa, que fizeram della, durante a sua fulgurante actuação na imprensa brasileira, o orgão escolhido para as grandes commemorações historicas do nosso paiz, como: Centenario da Independencia do Brasil, da Confederação do Equador, do Nascimento de D. Pedro II, do Dois de Julho da Bahia, do Plantio do Café no Brasil, etc.

Voltando agora a circular, é natural que a "Illustração Brasileira" continue a ter um logar aparte entre as publicações brasileiras, merecendo das sociedades scientificas, litterarias e artisticas e dos orgãos mais representativos da nossa sociedade, as distincções a que tem direito pelo seu caracter eminentemente cultural.

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34-C. Postal 880

Telephones: 23-4422 e 22-8073 – Rio

Preços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O proximo numero d'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

UMA PAGINA BANAL DE BANAL ROMANCE

Por Leoncio Correia
Illustração de Cortez

O MANEQUINHO

Poesia de Luiz Peixoto
Illustração de Théo.

A' SOMBRA DE D. QUIXOTE

Por Carlos Maül
Illustração de Fragusto

DAS MEMORIAS DE UM AUTOMOVEL

De Reynaldo Reis
Illustração de Orestes

TRAPOS E FARRAPOS

Por Berilo Neves

ACREDITEM OU NÃO...

Texto e Illustração de Storni

ABERRAÇÃO DA NATUREZA

Reportagem amplamente illustrada

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — O Mundo em Revista — Broadcasting — Nem todos sabem que — etc...

LIVROS E AUTORES

PAULO GUSTAVO

Viriato Correia — HISTORIA DO BRASIL para creanças — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1934.

A' semelhança do que fez Monteiro Lobato com a "Historia do mundo", Viriato Correia realizou com a Historia do Brasil: escreveu-a para creanças.

Não ha quem não tenha ainda ouvido dizer que a nossa historia "é uma cousa muito cacete". E não deixava de haver razão em tal affirmação, porquanto, até ha pouco, a historia nacional era um simples catalogo de nomes e datas, perfeitamente execravel. Até nomes de almirantes hollandezes as creanças decoravam! Viriato Correia, Paulo Setubal, Assis Cintra, Heitor Moniz, Mendes Vianna e outros foram os iniciadores da reforma nos nossos processos de ensino de historia. Em vez da narração arida e desinteressante dos acontecimentos, o relato cheio de vida e em linguagem familiar, com tudo o que pode interessar, os habitos, os costumes, as phrases, as anecdotas... A historia viva e não empalhada e mumificada como antigamente.

De agora em deante, as creanças não acharão mais "pau" a historia do Brasil. Viriato escreveu-a tão ao alcance dellas, de uma forma tão agradavel que, ao contrario, ella passará a ser a lição mais desejada, mais esperada.

E será inutil dizer que é um bello trabalho graphico, de quasi 300 paginas, em bom papel e fartamente illustrado.

*CONTOS DE ANDERSEN
CONTOS DE PERRAULT
Companhia Editora Nacional
São Paulo — 1934.*

Eu não saberia dizer o prazer com que reli, creança grande e soffredora que agora sou, os Contos de Andersen e de Perrault, que fizeram já o encanto de milhões e milhões de creanças. Nos de Andersen, "A sereiazinha", "O isqueiro magico", "O patinho feio", "Os cysnes selvagens"...

Nos "Contos de Fadas" de Perrault, primorosamente traduzidos por Monteiro Lobato, "A historia do Chapelinho Vermelho", O Gato de botas", "A pelle de asno", "A gata borralheira".. E tantos outros!

Dois lindos volumes!

W. M. Leod Raine — O PIRATA DO PANAMA' — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1934.

Na sua interessante "Collecção Globo", a Livraria desse mesmo nome, que tanto honra o Rio Grande do Sul, acaba de publicar mais dois volumes — "O pirata do Panamá" — de William Marc Leod Raine e "O agente secreto" de Joseph Conrad.

Ambos são romances de aventuras e agradarão, por certo, aos apreciadores do genero.

NOVOS CONTOS DE GRIMM — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1934.

São celebres os contos dos Irmãos Grimm. As creanças de muitas gerações devoraram-n'os sofregamente. As de hoje ouvem-n'os ou lêem-n'os com a mesma ansiedade e o mesmo enlevo, em lindo volume, com muitas gravuras, que é o que dá vida, em grande parte, aos livros infantis. Foi assim que fez a Companhia Editora Nacional.

Charles Kingsley — OS NÊNÊS D'AGUA — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1934.

Tambem a Livraria do Globo não se esqueceu da petizada e creou a "Bibliotheca Infantil", onde vem publicando excellentes volumes, haja vista o que acabamos de receber: "Os nênês d'agua", de Charles Kingsley e "Alice na cidade dos espelhos" de Lewis Carroll, dois bellos e grandes volumes, com capa de panno illustrada a cores e recoberta com papel celophan.

O primeiro é a historia de um pequenino limpa-chaminés, que não sabia lêr, nem escrever e nem rezar, que nunca se lavava e que passava o tempo metade chorando das brutalidades do patrão, metade rindo, quando jogava vintens com os companheiros e pensava nos lindos dias que haviam de vir...

O segundo é uma obra universalmente conhecida e dispensa referencias.

Stenvenson — A ILHA DO THESOURO — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1934.

Outro volume da Collecção Infantil da Livraria do Globo, um alentado volume de quasi 300 paginas, com muitas gravuras bonitas e encerrando a narrativa attrahente e impressionante da expedição de audaciosos piratas á Ilha do Thesouro. As gravuras, a cores emprestam ao livro um aspecto agradavel.

Nem todos sabem que...

O uso do titulo "Excellencia" nos vem da Côrte de Byzancio, e elle foi de começo sómente concedido a imperadores e principes de sangue. Antes de 1789, tratavam-se por "Excellencia" os vice-reis, os embaixadores, os grandes d'Hespanha, os cavalheiros do Tosão de Ouro, os duques e pares de França e os parentes do Papa. Depois da creação do titulo de "Alteza", o de "Excellencia" passou a ser usado por personagens r e vestidas de alta dignidade. Em França, até á Presidencia Grevy, os Ministros de Estado foram tratados por "Excellencia".

O ultimo dos fétiches acaba de ser lançado na moda na America do Norte. E' o "lucky piece", que a Union Pacific, a grande Companhia de caminhos de ferro, offerece aos seus passageiros de 1ª classe. São medalhas de aluminio do tamanho de uma moeda de duzentos réis. Foram distribuidas graciosamente por occasião dos novos trens denominados "trens-fantasmas".

O primeiro film falado em lingua bretã, a "Canção de Armor", acaba de ser exhibido no theatro de Rennes (Bretanha, França), deante de um publico selecto e numeroso, notando-se politicos influentes.

O scenario é de Jean des Cognets, a musica é de Jacques Carmaujal, os dialogos do bardo bretão Gourvil e os interpretes não são profissionaes.

O enredo é muito simples; é a historia da paixão de Cloarec por uma grande dama que não pode acceitar o seu amor. As scenas passam-se na Bretanha.

O "astro" é Yvon de Marchadour, que se faz admirar em melodias celticas.

A fita está para ser levada em toda a França.

Foi Billard, de Clermont, que, em 1913, preconizou o emprego do veneno da cobra no tratamento do cancer. Aquelle sabio preparava uma maceração de cabeças de cobras, da familia das aspides, e administrava-a em injecções subcutaneas.

Reconheceram, depois, que a pelle da aspide tambem contém principios activos.

O professor Pitou, em nota á Academia das Sciencias de Paris, observa que conseguiu em 50 doentes fazer desapparecer totalmente as dores, debellar o edema e a regressão do tumor maligno.

Outras serpentes, como a *Cerastes cornilus*, possuem a propriedade das aspides...

Os profs. Hamon e Finot assignalaram á Academia de Medicina de Paris que fizeram parar hemorrhagias dentarias, injectando na gengiva serum de cavallo em doses minimas.

CARNAVAL Á VISTA

O que Benedicto Lacerda disse a O MALHO

No elenco de compositores desta capital o nome de Benedicto Lacerda é dos mais populares.

Flautista eximio, verdadeiro acrobata na execução desse instrumento, elle conta, assim, com dois publicos distinctos: — o que admira o flautista e o que admira o compositor.

Reunindo ambos, o seu quociente de popularidade torna-se enorme.

Assim sendo, fazia-se necessario ouvir a palavra de Benedicto Lacerda acerca do assumpto n.° 1 da actualidade: as musicas do proximo Carnaval.

E elle nos disse:

— O meu primeiro successo como compositor carnavalesco foi "No Salgueiro", samba que lancei em 1928, na folia desse anno. Depois, em 1931, consegui mais um exito: "Lá vem ella chorando", outro samba que fez sua epocha. Depois, "Macaco, olha o teu rabo", "Arrasta a sandalia", "Olha o Congo", "Alguem me ama", "Brinca Coração", "Loura Queridinha", "Lili, ó meu bem", "Quando o meu amor partiu", "Um sorriso" e varias outras.

Para o Carnaval de 1935, tambem fiz quatro ou cinco composições para enfrentar a sorte. Sei que desta vez a cousa não está "sopa". Ha um grande numero de concurrentes. Mas ainda não perdi a confiança. Para isso conto com a minha flauta de prata, companheira inseparavel, minha melhor amiga e torcedora... As minhas producções, agora, são as seguintes: — "Creança, toma juizo", samba; "Morena Imperatriz", marcha; "Tricolor", marcha; "Ciganinha", marcha, todas ellas gravadas por Almirante; e "Eva querida", gravada por Mario Reis. Acho que com estas poderei fazer um bom movimento, atrapalhando a turma e marcando dois ou tres "goals"...

Emfim, vamos ver com quem está o Deus Momo, desta vez...

E com o optimismo de quem confia sem vacilações, Benedicto Lacerda encerrou a palestra que lhe solicitamos.

CANNINHA VERDE...

O Rio é uma cidade essencialmente carnavalesca. Tres mezes antes do triduo consagrado a Momo, já as marchas folionas tomaram conta da cidade e os bailes e **reveillons** se revestem de caracteristicos nitidamente de Carnaval. Assim, quer nas batalhas de rua, quer nas festas de salão, já está sendo cantada, entre outras, a marcha de Paulo Barbosa intitulada: — "Salada Portugueza". Paulo Barbosa, que é irmão do caricaturista do samba, Luiz Barbosa, conseguiu que Manoel Monteiro gravasse esse numero, o que lhe deu maior razão de agrado. Ahi fica o registro de "Salada Portugueza" e o retrato do seu auctor.

OS INTERPRETES DE "JOIA FALSA"

Além de Gastão Formenti, que a gravou em discos "Victor", já cantaram a marcha "Joia Falsa", de Oswaldo Santiago, nos studios cariocas, os seguintes artistas: — Dirce Baptista, Nair França, Paulo de Frontin Werneck, André Filho, Jayme Britto, Milton Amaral, Olga Jacobina, Leonel Faria, Silvio Pinto, Jayme Vogeler e varios outros.

No "Theatro Recreio", incluida na revista "Cidade Maravilhosa", de Cesar Ladeira, é ella cantada em uma cortina pelo actor João Fernandes e depois, ao findar o 1.° acto, por toda a companhia.

"Joia Falsa" caminha para o 2.° milheiro, na tiragem de musicas em papel.

RADIO-CORREIO

Humberto Visconti — Nova Iguassú — Estado do Rio — O **speaker** que conduziu as irradiações da estação a que se referiu, no dia 21 de Dezembro, das 20 ás 23 horas, chama-se Renato Macedo. A resposta não sahiu no numero em que pediu, nem no seguinte, por ser esta secção redigida com bastante antecedencia.

—:—

Senhorita Barbacena — Barbacena — Minas — O seu pedido de envio dos ultimos successos carnavalescos é facilimo de attender. Com a seguinte condição: — mandar um vale do correio com a quantia correspondente ao numero de musicas para piano que deseja... Cada uma custa 2$500. As musicas estrangeiras custam mais caro, ou sejam, 3$000 cada uma.

RADIO CARICATURA POR JOCAL

JACK BILL — MANOEL MONTEIRO — ADHEMAR CASÉ

Broadcasting em Revista

O BANDO VOLTOU...

Em Buenos Aires, de onde elle acaba de regressar, o successo do "Bando da Lua" foi um caso para lá de serio... Andam dizendo as más linguas que os rapazes "abafaram", de facto, a Carmem Miranda nas suas exhibições no Rio da Prata. Exaggeros? Não sabemos. Carmem Miranda é qualquer cousa de muito bom, tambem. Acreditamos que elles tivessem tomado a praça feminina e ella a masculina. Isto sim, O "Bando da Lua", ainda mal chegado da Argentina, já foi a São Paulo cumprir um antigo compromisso com a "Record". E já está outra vez no Rio para lançar as ultimas novidades do Carnaval carioca...

IMPRENSA DO RADIO

Sodré Vianna deixou de redigir a secção de radio d'"O Globo". Estava cansado de aturar as "Marias Borralheiras" dos nossos microphones. Borralheiras de saias e de calças. E passou a secção para Henrique Pongetti, que já não supportava mais o convivio dos astros da téla, entregando a secção de cinema a Pinheiro de Lemos. "Changez de place"... Assim, o radio perdeu Sodré Vianna, mas ganhou Henrique Pongetti, que, agora, todos os dias, nas quartas edições do vespertino de Roberto Marinho e Raphael Barbosa, anda beliscando a vaidade dos nossos "grandes artistas" de "broadcasting"...

MAIS UMA BRILHANTE VICTORIA DE P. R. A. 8

Trecho de uma carta, datada de 25 de Novembro ultimo, do Snr. Vicente G. Rebello, estabelecido á Calle Talcahuano-132, em Buenos Aires:

> "A Voz do Norte que é a sua "voz" e que, para mim, é a "voz" mais grata que que me vem da Patria, por ser a que ouço dahi mais prazenteiramente, já que é a unica que aqui chega matizada por lindas musicas e interessantes "coisas" de nossa terra..."

(**Diario de Pernambuco**, 4.ª feira, 5 de Dezembro de 1934).

A VOZ DO OUVINTE

Ao Chronista de Radio do "Malho" — Cordeaes saudações — Venho trazer, tambem, minha humilde contribuição para a secção "A Voz do Ouvinte", que o Sr. está publicando na secção de radio. Por onde deverei começar? Pelas estações? Então, direi que a que mais gosto de ouvir, á noite, é a "Mayrinck Veiga", devido principalmente ao seu "speaker", o incomparavel Cesar Ladeira. Nas transmissões de discos, prefiro a "Guanabara". E as outras, indistinctamente, sempre que apresentam cousas apreciaveis. A respeito do programmas, já fui admiradora do "Programma Casé", mas hoje já o acho com os mesmos defeitos dos demais. Tambem não supporto o "Programma Francisco Alves", com os elogios feitos ao proprio cantor que dá nome ao programma. E' ridiculo o que ali se faz. "O Rei da Voz", "A voz mais bonita do Brasil", "Sua Magestade, Francisco I" e outras bobagens dessa especie demonstram a nenhuma mentalidadede da direcção do referido programma. Quem é, não precisa dizer que é. Deixe que os outros digam e eu, da minha parte, estou sempre prompta a dizer que Francisco Alves é optimo. Não gostei, ainda, dos programmas que a "Radio Philips" ultimamente está transmittindo. Fracos e com artistas que não sympathiso. Do "Radio Club do Brasil" ha muito que escuto as irradiações, a não ser as de "foot-ball" e o chá dansante da "Mocidade". Isto porque acho intragavel o tal jornal falado "A Voz do Brasil". Quanto a artistas, eis os de quem sou admiradora: — Aurora Miranda; Elisa Coelho de Andrade; Sonia Barretto; Alda Verona; Gesy Barbosa; e Helojsa Helena, das mulheres. Dos homens, além de Francisco Alves, gosto de Silvio Caldas; Moacyr Bueno Rocha; Jorge Fernandes; Mario Reis; Velloso; Oscar Gonçalves; e Roberto Galeno. E' o que de mais importante eu tinha para dizer, Sr. chronista, a respeito de assumptos de radio. Agradeço a publicação e firmo-me, leitora assidua — (a) **Magali.**

MUSICAS NOVAS

— "Bucha Cordão", marchinha turca de Hervê Cordovil e Jorge Murad, já foi lançada pele radio com optimo successo humoristico.

—:—

— "Dona Helena" é o titulo de uma creação de Barbosa Junior para o Carnaval em preparativos. Trata-se de uma marcha de Ary Barroso e foi gravada em discos "Odeon"

—:—

— E' de José Francisco de Freitas o samba "Uma bahiana bonita", com letra de Dan Mallio Carneiro, que "A Melodia" editou em partes de piano e pequena orchestra.

O QUE VAE PELOS STUDIOS

A "Radio Ipanema", dirigida por Felicio Mastrangelo, espera poder iniciar brevemente a sua actividade. Diz-se que varios artistas de nomeada passarão a figurar no elenco dessa nova "broadcasting".

—:—

Armando Reis está dirigindo ou organisando uma pellicula carnavalesca da "Vox-Film", a exemplo do que está sendo feito pela "Waldow Film", de que é directoor mister Wallace Downey, representante, no Brasil, de varios editores musicaes americanos. Quasi todos os artistas do radio carioca figuram nesses films, cantado as suas ultimas creações destinadas á folia..

PAULO ROBERTO

Este moço é o "speaker" distincto, elegante e talentoso do "Programma Casé". Chama-se José Marques. Mas ninguem o conhece por esse nome. No radio, elle é Paulo Roberto, o poeta de "Canção ao microphone" e de "Cantor de Radio", dois poemas musicados por Custodio Mesquita. E depois de ser admirado como auctor, passou a sel-o como "speaker" dirigindo as irradiações promovidas por Adhemar Casé. Paulo Roberto é uma sensibilidade fidalga, um artista e um "gentleman".

MEU LIVRO DE HISTORIAS

Está de parabens o mundo das creanças com um acontecimento sensacional. Esse acontecimento é a publicação de um livro, verdadeira maravilha, todo illustrado, todo colorido, acondicionado em primorosa caixa de phantasia, constituindo o mais bello presente para as creanças. Esse livro que será o encanto de todos os pequeninos chama-se "MEU LIVRO DE HISTORIAS". Nelle figuram contos patrioticos, contos de fadas, contos historicos, lendas religiosas que encherão de alegria os corações juvenis. "MEU LIVRO DE HISTORIAS" será o mais bello serão das noites no lar. "MEU LIVRO DE HISTORIAS", que é edição da Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO, Travessa do Ouvidor, 34, Rio de Janeiro, está á venda, pelo preço de 20$000 em todo o Brasil.

Caixa d'O Malho

JOSE' CESAR BORBA (Recife) — Recebi as cartas e as chronicas. Satisfeito ao constatar que não enviou versos, desta vez. O *stock de versos*, aqui em casa, é fantastico. A prosa está com melhor cotação. E' a tal lei da offerta e da procura... "Mania de escrever", muito superior a "Opportunidade". Vou ver se lhe cavo uma illustração. Quanto ao livro, eu sabia que não adeantavam conselhos. E' o mesmo que aconselhar a um sujeito apaixonado, que não deve casar-se...

TALLIO DE CASTRO (Rio) — De volta, amigo velho? Desta vez, V. vem ardente, meio D. Juan, meio fauno, rezando uma incendida oração de amor a... Norma Shearer. Mas Norma Shearer é uma senhora casada, mãe de duas ou tres creanças. E coraria sabendo dos seus arrebatamentos — não acha? Demais, mesmo com um bom traductor, ella não comprehenderia — como eu não comprehendi, confesso-lhe — aquelle primeiro quarteto em que V. a compara a uma estrella brilhando no ceu e diz que ella "iria succedel-o, vivendo junto a mim, placidamente". Succeder a quem? A estrella? Parece que não, pois V. quer que ella lhe viva perto, placidamente...

No segundo quarteto, V. affirma que a sua alma "se enchia no affecto que fazia *ennobrecel-a*". Não creio que ella se *enchesse* no affecto, mas talvez se *inchasse*. Que diz? Por tudo isto, acho melhor não publicar o soneto. V. tambem não acha, meu caro Tallio?

E. P. (Maceió) — Grato pelas referencias a esta secção. A respeito da sua poesia, tenho a dizer-lhe o seguinte: mesmo que ella estivesse muito bôa, seria difficil publical-a, attendendo ao seu tamanho. Não está. A narrativa é morosa e as imagens pobres de poesia. Demais, a forma é muito defeituosa. O alexandrino tem umas complicações que eu já procurei explicar varias vezes, aqui, mas parece que não tenho sido feliz. Vou ver se me faço entender desta vez: O alexandrino é constituido de dois versos de seis syllabas. Dois exemplos tirados da sua poesia: Exemplo nº 1:

"*Em secreto logar, conservo-o com cuidado.*"

Exemplo nº 2:

"*Para, aos olhos do mundo e á maldade, o occultar.*"

Cada verso deste, V. póde dividir em dois de seis syllabas:

"*Em secreto logar*
Conservo-o com cuidado."
"*Para aos olhos do mundo*
E á maldade o occultar."

Para que isso se faça, é necessario — está claro — que a sexta syllaba do alexandrino termine em agudo, (exemplo nº 1) ou então que termine em vogal, começando por vogal a setima syllaba (ex. nº 2).

Quer dizer que estão errados versos como estes, que eu encontro na sua poesia:

"*Porque nenhuma dellas, como tu, trazia.*"
"*Esse o rico tesouro de meu coração.*"

Dessa regra, ha uma unica excepção: é o alexandrino accentuado de quatro em quatro syllabas — 4ª, 8ª e 12ª syllabas.

Exemplo tirado da sua poesia:

"*Que, idealizando o mundo e a vida como "gloria"*"

Que assim se decompõe, pela accentuação:

"*Que idealizando o mundo e a vida como gloria.*"

Fóra dahi, os demais modelos de alexandrinos são errados.

A segunda copia que enviou não modificou, sensivelmente, a primeira. Deixo de apontar falhas grammaticaes que V. póde corrigir, com uma revisão cuidadosa.

RAUL DE OLIVEIRA MORAES (Bello Horizonte) — O estylo não vae mal, mas o enredo é fraco e velho. A tragedia não convence: tem muito *hokum*. Procure um thema de observação directa, real. A imaginação é muito traiçoeira.

DR. CABUHY PITANGA NETO

ALBUM - CONCURSO CINEARTE

Um dos mais interessantes concursos que têm surgido entre nós, e no qual poderão tomar parte todos os "fans" de cinema, de todo o Brasil, é o que acaba de ser organizado pela revista **"CINEARTE"**, a mais notavel publicação cinematographica da America do Sul.

Essa revista acaba de editar, para distribuição gratuita — que aliás, já está sendo feita — o **"ALBUM - CONCURSO - CINEARTE"**, que é um artistico album com espaços em branco para nelles serem collados retratos de astros do cinema.

Esses retratos serão publicados por "CINEARTE", a partir da edição de 15 de janeiro corrente, num total de seis ou mais photographias em cada numero dessa revista, até que estejam preenchidos todos os claros do **"ALBUM - CONCURSO - CINEARTE"**.

COMO SE HABILITARÃO OS CONCURRENTES

Uma vez completo o Album, com o preenchimento de todos os claros destinados ás photographias, o concurrente está habilitado a tomar parte no sorteio de cincoenta lindos e valiosos premios, no valor de dez contos de réis, cujo local, dia e hora serão annunciados por "CINEARTE", logo que tenham sido publicados todos os retratos de artistas de cinema, destinados a serem pregados no "ALBUM". O numero com que o concurrente se habilitará a esse sorteio vem na propria capa do **"ALBUM - CONCURSO - CINEARTE"**

CASAS QUE DISTRIBUEM O "ALBUM - CONCURSO CINEARTE"

Os ALBUNS são distribuidos GRATUITAMENTE e pódem ser procurados, desde já, na Redacção de CINEARTE á Travessa do Ouvidor, 34, e nas seguintes casas:

Shell Tox — Praça 15 de Novembro, 10; Radios Pilot — Av. Mem de Sá, 100; Academia Scientifica de Belleza — Assembléa, 115-1°; Casa Cirio — Ouvidor, 183; Silva Araujo & Cia. Ltda. — R. 1° de Março, 13/15; F. R. Moreira — Av. Rio Branco, 107/109; **Casa do Bastos** — Rua Uruguayana, 19; **Biscoitos** Aymoré Ltda. — Rua da Quitanda, 108/110-12° andar (propaganda); **Maillots vencedores** Casa Simões — Rua Haritoff, 5/7 (Copacabana); Casa René — Rua Uruguayana, 50; O Camizeiro — R. Assembléa, 28/32.

OS PREMIOS DO CONCURSO

Neste original concurso serão distribuidos os seguintes valiosos premios:

Premio	Descrição	Valor
1°	1 Radio do valor de	2:000$000
2°	1 Relogio pulseira e brilhante do valor de	1:500$000
3°	1 Annel de brilhante do valor de	1:200$000
4°	1 Pelle "Argentée" do valor de	1:000$000
5°	1 Estojo de perfumaria do valor de	500$000
6°	1 Vaporisador do valor de ..	300$000
7°	1 Lampada de mesa do valor de	250$000
8°	1 Vidro de perfume do valor de	250$000
9°	1 Vidro de perfume do valor de ...	230$000
10°	1 Vidro de perfume do valor de .	220$000
11°	1 Vidro de perfume do valor de ...	150$000
12°	1 Vidro de perfume do valor de ...	100$000
13° a 20°	8 Bolsas a escolher do valor de 100$ cada uma ..	800$000
21° a 50°	30 premios de consolação, do valor de 50$000 cada um ...	1:500$000
	Total ...	10:000$000

ALBUM - CONCURSO - CINEARTE - TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 - RIO

A CIDADE QUE NASCEU SOB O SIGNO DE MARTE

O RIO DE JANEIRO nasceu sob o signo de Marte. Vinte de Janeiro de 1567. Portuguezes, numa luta de morte contra os tamoyos e os francezes que carangueijavam pelo litoral do Brasil e se agarravam em fortes improvisados nas praias da Bahia de Guanabara.

As aguas dos arroios que correm para o mar se tingiram de vermelho. E as moitas dos oiteiros e as dunas da praia embalaram cadaveres.

A victoria, que baptizou a cidade no seu nascimento, se cobriu de crepe com a morte de seu fundador.

Isso tudo está em todos os manuaes de Historia do Brasil, até na Historia do Brasil de F. T. D. Mas o que os compendios não contam, nem Rocha Pombo escreveu é que a cidade, que brotou de um acto de violencia e de heroismo, a cidade que tem como patrono um soldado romano que, depois, se tornou soldado do christianismo e heroe do sacrificio, é a mais pacifica do mundo. Nascida sob o fogo de duas batalhas, baptizada em sangue, o Rio não é nem a «heroica cidade» como Recife ou Olinda, nem a «invicta» como Nicteroy: é simplesmente a «cidade carnavalesca» dos chronistas alegres. Ou quando muito, a « cidade maravilhosa » da PRA9, ou do sr. Cesar Ladeira..

O carioca não sabe de guerras, nem de heroes. Quando muito, chega a admirar as façanhas de algum malandro sanguinario como « Sete Coroas ».

Estacio de Sá não tem um monumento na cidade e está com o nome emparedado numa avenida de segunda ordem.

Mas a Princeza Izabel, que assignou um decreto, é patrona de um dos mais lindos «boulevards» do Rio de Janeiro.

E' a maior derrota de Marte.

LEÃO PADILHA

PALESTRAVAMOS Sylvio Patricio e eu, fumando a um canto do terraço, de onde avistavamos o bello panorama do jardim nocturno, illuminado profusamente pelas filas symetricas das lampadas...

Sylvio Patricio envelhecida tranquillamente, e, assim, a sua vida era feita dessa rara felicidade que só alcançam os capazes de comprehender, com serenidade de alma e desprendimento physico, a belleza de renunciar, no momento preciso, aos gosos que exigem edade... D'ahi, o respeito e admiração que lhe tributavamos, e tão natural nos parecia a calma daquella existencia, que jamais nenhum de nós suspeitou que, sob a placidez imperturbavel daquelles olhos, se escondesse a angustia de uma historia dramatica de amor...

Não poderei nunca esquecer a surpresa que experimentei, ouvindo-lhe, naquella noite, a confidencia amarga. Até nós, chegavam os sons perdidos de um "fox" que, no salão, em festa pelo anniversario de Mathilde Ignez, empolgava os pares. E o contraste, que faziam a alegria alheia e a

ENTRE O AMOR E A RENUNCIA

amargura sincera de Sylvio Patricio, mais augmentava o prestigio contagioso da sua dor...

— Podes crer, — começou Sylvio, tamborilando os dedos no peitoril de marmore, — o orgulho humano é o unico defeito incommensuravel sobre a terra. Quando temos vinte ou trinta annos, o idealismo e o enthusiasmo desculpam a nossa má fraqueza, mas o que ha de verdadeiro no coração do homem é o orgulho, é a vaidade, de que dependem os projectos de amor e de belleza, ainda os menos pretenciosos. Na ordem passional, o altruismo não existe, ou deriva de combinações transcendentes do destino... Foi o caso perverso da minha vida, de cujos horrores não me recordo com odio porque, ha muito, revesti a minha vontade do optimismo e da coragem exemplificados na sabedoria antiga...

"Ella — permitte que não repita o seu nome — tinha a edade dos deuses, vinte annos, e eu cincoenta. Como o peccado é o cumplice da mocidade, eu conservára, á força de contacto com a juventude das mulheres que amei, um perpetuo viço, uma teimosa apparencia de vigor e de graça... O amor é a aranha em cuja teia traiçoeira todos iremos cahir um dia; cedendo á lei implacavel, nós dois, borboleta ingenua e besouro malicioso, lá nos deixámos attrahir pela cilada dos fios deslumbradores...

Despertei do sonho maravilhoso antes do passo decisivo, recebendo, uma linda manhã, uma carta em que um anonymo — sempre a mesma ignominia! — me advertia da necessidade de attentar, sem as lunetas de Pangloss, para a realidade da minha situação. O meu primeiro impeto foi rasgar a carta. Cheguei mesmo a amarrotal-a entre os dedos, mas contive-me. Reatei a leitura. O missivista insinuava-me que só o egoismo intransigente e cego poderia fazer-me separar dois corações que uma infancia em commum fundira num só, para o mesmo destino — "ella" e Luiz Eduardo...

Não pude proseguir: os pensamentos mais insensatos substituiram meu raciocinio, transformando meus sentidos numa explosão de odio e soffrimento! Voltou-me, a pouco e pouco, a calma. E pensei, então, com Pierre Louys, que a vida é essa montanha com um cimo soberbo e, depois, uma encosta escarpada. Eu descia-a, emquanto o "outro" a ia subindo, equivale a dizer, coincidiriam o seu esplendor e a minha decadencia... Foi assim raciocinando que o meu orgulho me inspirou a renuncia!

Mentiria, se dissesse que não soffri, decidindo, no meu fôro intimo, contra mim. Que tortura, ter de escolher entre o amor e a renuncia, sabendo que me aguardava, qualquer que fosse a escolha, a mesma desillusão irreparavel!

Tão grande foi o meu atordoamento, que, sómente muito mais tarde, pensei na hypothese de ser a carta a vingança de alguma de minhas aventuras desprezadas, ou um recurso subtil do proprio Luiz Eduardo para arrojar-me ao desespero do ciume e da duvida... Quem sabe? Talvez tenha razão o psychologo displicente, quando escreveu: "a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é activo e prodigo".

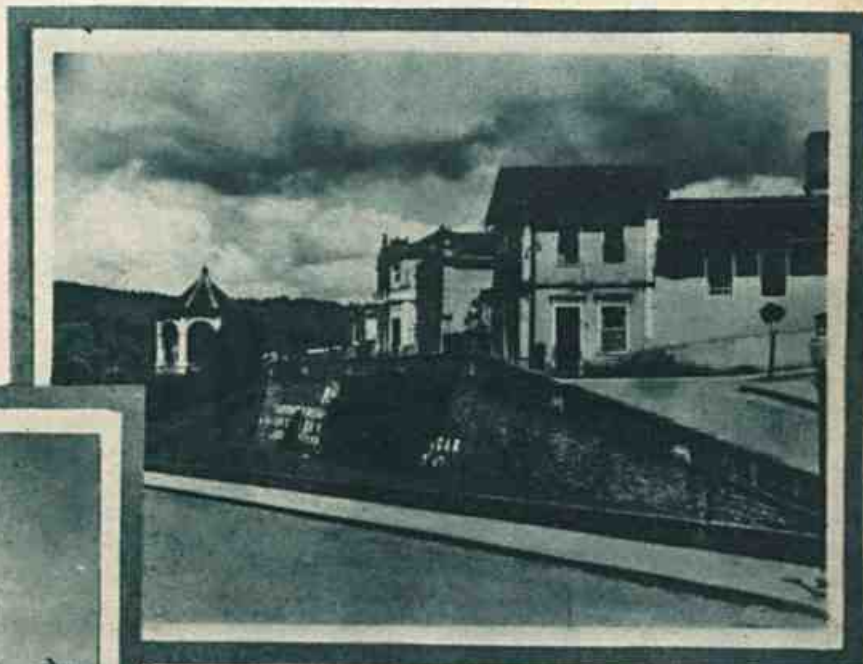
* * *

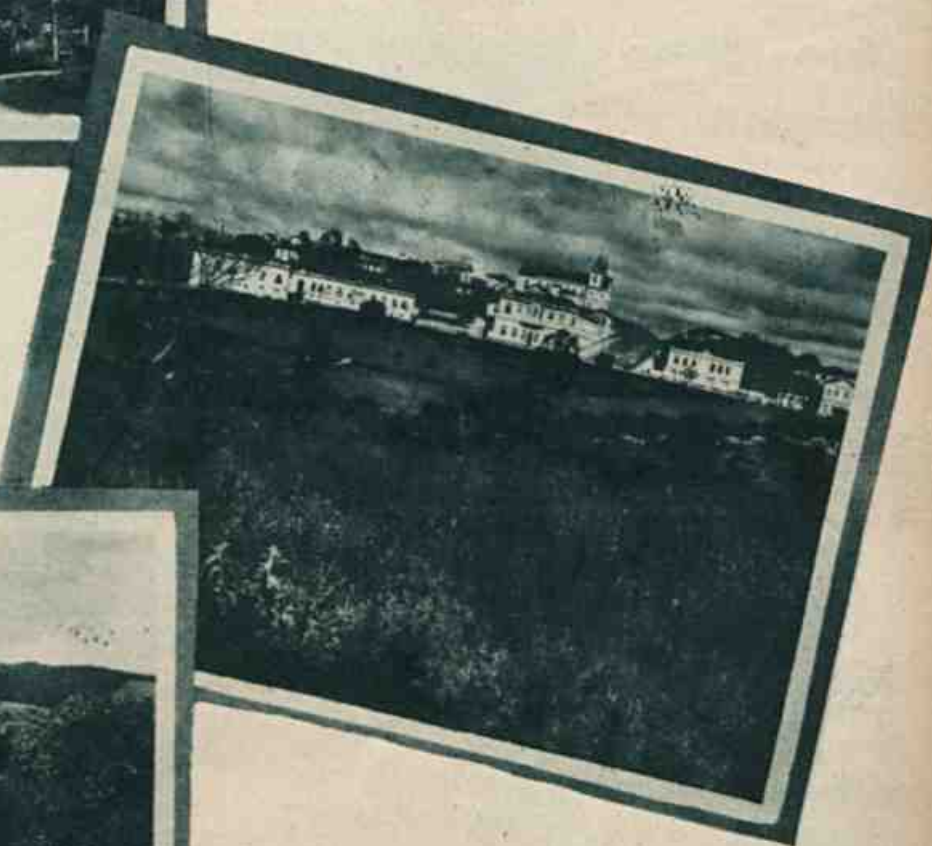
Sylvio Patricio abysmou-se num silencio que tudo denunciava ser doloroso... Subia do jardim a fragrancia dos rosaes... Differença do minuto da vida dos sêres: o aroma suave e penetrante embalava, em um, a saudade que soluça, em outro, a ancia de viver antes que a ironia do destino lhe viesse impor a tyrannia da renuncia...

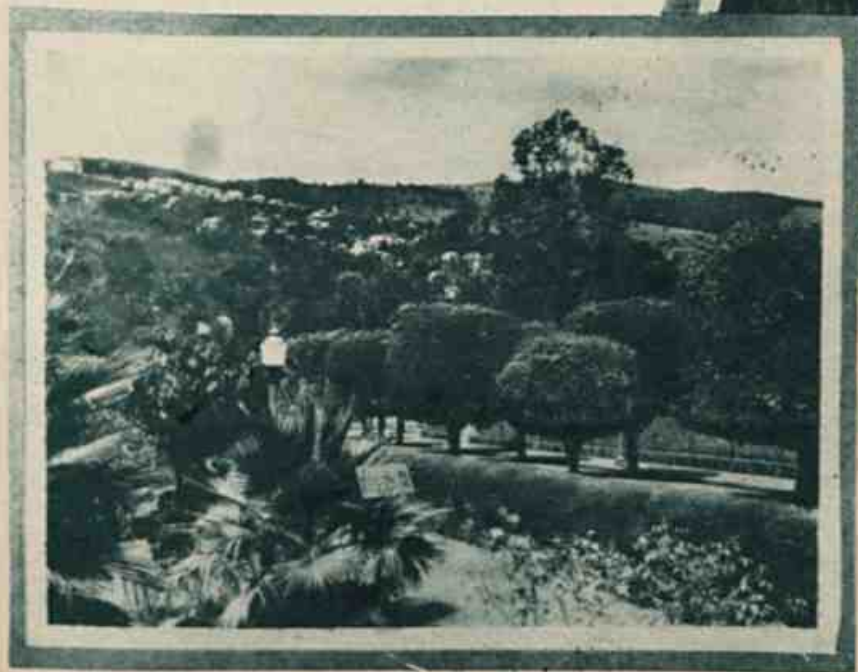
(Inédito, MCMXXXIV)

HIGINO BERSANE

CAMBUQUIRA

Cambuquira — um recanto poetico e tranquillo no jardim da cidade.

Outro trecho da cidade de Cambuquira, a cidade cujo clima obra milagres.

Trecho do jardim da linda cidade mineira onde vão buscar saude os doentes do resto do Brasil.

Uma vista de Cambuquira, com o seu casario branco e as suas mattas e os seus jardins constantemente verdes.

Os Stradivarius

Ha na Italia, perto do rio Pó, uma pequena cidade que se tornou celebre, não por ter sido palco de batalhas famosas, mas por ter sido o berço de um instrumento musical, verdadeiramente divino. A cidade é Cremona. O instrumento, o violino.

Construido a principio por Gasparo de Saló e Giovan Paolo Maggini, em Brescia, o violino attingiu ao maximo de perfeição em Cremona, primeiramente com os Amati, depois com os Guarnerius e, finalmente, com os Stradivarius.

Ao que parece, o aperfeiçoamento constante do instrumento foi obra da unidade de vistas dos fabricantes de Cremona, os quaes, constituindo uma verdadeira escola de mestres e discipulos, como que se completavam e se succediam no afan de levar o violino ao maximo de perfeição possivel.

Milstein

Entre os Amati esse desejo foi alimentado sempre com o mesmo enthusiasmo. E os Amati foram varios, desde Andréa (1530), até Nicola (1596-1694), filho de Girolamo (1556-1630), passando por Antonio (1555-1638), e Nicola (1568-1586), representando varias gerações de actividade persistente.

Depois, os Guarnerius, com egual desejo de perfeição, realizaram uma obra notabilissima, que principiava com Andréa (1626-1698), discipulo de Nicola Amati, seguido por Pietro Giovanni (1655-1725), Giuseppe Giovanni Baptista (1666-1739), Pietro (1695-1710), e Giuseppe Guarneri del Jesù (1687-1742).

Finalmente, os Stradivarius — Antonio, pae, e Francesco e Omobono, filhos, os quaes levaram a construcção do violino ao apogeu.

Discipulo de Nicola Amati e oriundo de uma familia de patricios de Cremona, Antonio Stradivari — cognominado o Stradivarius — foi o maior mestre fabricante de violinos, em todos os tempos.

A principio (1667) trabalhou por conta de Nicola Amati, que assignava os instrumentos por elle fabricados.

Depois, passou a trabalhar por conta propria, começando, então, a pôr, em todos os instrumentos que construia, a sua assignatura: "Antonius Stradivarius Cremonensis. Fecit Anno..."

O ultimo violino que assignou tem a data de 1736. Antonio Stradivarius começou imitando seu mestre Nicola Amati. Depois ultrapassou-o, produzindo instrumentos que são primorosos modelos de perfeição.

Seus violinos mais notaveis foram fabricados entre 1700 e 1725. Elles distinguem-se, então, pela forma e pela perfeição do acabamento. Madeira escolhidissima e verniz de grande belleza de tom avermelhado, o som é forte, egual e maravilhoso de timbre. Com a morte do ultimo Stradivari, nunca mais se conseguiu fabricar um violino que se comparasse, em sonoridade, aos que até então provinham da escola de Cremona.

E os fabricantes de nomeada, por toda parte, não foram poucos: os Ruggeri e Bergonzi, ainda de Cremona; Montagnana, de Veneza; os Guadagnini, de Piacenza; os Klotz, de Mettenwald; J. B. Villaume, Lupot, Claude Pierret e Gand Père, de Paris; e os nossos: Marrani & Lo Turco e Benevenuto, além de muitissimos outros.

Nunca ninguem soube explicar esse mysterio ou esse segredo.

Os violinos classicos permanecem como

Carmen Boisson

verdadeiros enigmas, pela maravilha incomparavel de sua sonoridade.

Será por causa da madeira empregada na sua fabricação?

Será o verniz?

Será a disposição das fibras da madeira do fundo?

Ou da tampa?

Não se sabe. Sabe-se apenas que o problema já tem sido estudado sob o seu ponto de vista physico, sem um resultado positivo.

Em uma serie de vinte e oito dos mais afamados violinos classicos, os sons emittidos foram analysados e decompostos, chegando-se á conclusão de que, effectivamente, em qualquer delles, as ondas sonoras caminham de forma differente da dos instrumentos modernos, parecendo que isso é devido á qualidade da madeira, principalmente da parte do fundo, que era, sem duvida, onde os mestres antigos punham toda a sua pericia e todo o seu segredo de construcção.

e seus segredos

POR TAPAJÓS GOMES

Francisco Chiaffitelli

Kubelik

Messodi Baruel

E o verniz?

A natureza organica dos velhos vernizes não terá a sua influencia, tambem, na sonoridade dos violinos antigos? Derivados de substancias inorganicas, os vernizes modernos não affectarão o som dos violinos de nossos dias?

São perguntas que ficam no ar.

Ninguem sabe respondel-as.

Ha em tudo isso um segredo impenetravel.

E' possivel que, um dia, se consiga attingir e até mesmo ultrapassar os violinos da escola de Cremona.

Mas emquanto isso não se dá, cada instrumento antigo se vae tornando, dia a dia, mais valorizado, representando, cada um, um thesouro de valor incalculavel, pela belleza do som, que não tem egual, e pelo preço, que começa já a não ter limite.

O peor é que, pelo preço a que chegaram, os Stradivarius, ou estão mettidos em vitrinas de museus e colleccionadores, inutilmente, inaproveitados, ou estão nas mãos de amadores ricos que não os merecem.

E' esse, sem duvida, o maior mal da valorização de taes instrumentos, que, só excepcionalmente, são tocados por artistas verdadeiramente grandes.

Imagem de São Sebastião existente na Prefeitura desta Capital

A cidade e o seu Anjo Tutelar

ASSIS MEMORI

A cidade maravilhosa vae homenagear, nestes dias, o seu Patrono maximo, o seu formoso Anjo tutelar — São Sebastião. Vale a pena evocar, aqui, embora num resumo, a projecção luminosa desta individualidade, d'alto relevo sacro e profano, porventura das mais interessantes e das mais fortes da Egreja penitente das catacumbas romanas, do Christianimo soffredor, mas triumphante sempre da éra do terror systematico.

Corria tormentosa a época do imperador Deocleciano, um monstro forrado de um bufão. Roma era o mundo e o mundo era Roma. Estava em plena execução o sacrilego edicto da perseguição religiosa. De extremo a extremo do vasto Imperio, a ordem era exterminar, a ferro e fogo, inexoravelmente e sem excepção, os crentes da idéa nova. Esta, como todas as grandes idéas combatidas, avançava victoriosa, impunha-se, que, dentro do proprio palacio do Cesar immortal, contava adeptos, arregimentava combatentes, aguerria heróes.

Entre estes se enfileirava, brilhante e varonil, Sebastião, que commandava a famosa *guarda pretoriana*. Pela fidalguia da raça, pela bravura épica, mas, sobretudo, pela nobreza de sentir, o narbonense ganhara a sympathia do imperador, a popularidade na tropa e no proprio scenario onde se movia. Era um bravo e era um puro. Desta pureza de ideal, que distingue os fortes, que extrema singulares os verdadeiros heróes. Por uma convicção illuminada e ardente, abraçara a Doutrina perseguida: fizera-se christão. Deocleciano teve conhecimento do facto. E o modo como testemunhou este contém algo de dramatico. Um dia, em plena côrte, na presença de numerosos magnatas, ordena a Sebastião que prenda Quadratus, um soldado, tambem nobre, sobre quem pesava a accusação de seguidor do Christo.

— Prender, por que?! — interpella o commandante ao tyranno.

— Porque elle é christão — responde o imperador, em tom que não soffria mais replica.

E é quando o chefe da guarda pretoriana, num gesto de coragem, authenticamente masculina, ou melhor, genuinamente christã ousa rematar:

— "Não! Não prendo a Quadratus, porque lhe não reconheço crime algum: eu tambem sou christão."

Ante o gesto desassombrado, imagina-se o furor imperial. E começou a tortura e o heróe iniciou a sua marcha dolorosa pela via da Amargura. Tormentos, sevicias, um horror! O animo, porém, sempre viril, a alma sempre de pé!

Varam-no a flexadas. Não morre, ainda. Degolam-no, por fim. Uma piedosa romana, por nome Lucina, recolhe os restos mortaes do martyr e os sepulta, caridosamente, numa valla commum, onde se ergue, hoje, a maravilha de uma cathedral de marmore branco e de granito. O branco de alabastro daquella nobreza sem jaça! O granito inquebrantavel daquelle caracter sem vacillações!

Formoso emblema! Suggestivo symbolo!

Volvem seculos. Uma bella manhã de mil quinhentos e tanto, na mais linda praia do mundo, vae travar-se uma peleja brava. Era 20 de Janeiro, precisamente, o dia em que morreu, em Roma, o martyr glorioso. O general em chefe da batalha decisiva colloca inspiradamente sob a protecção do Santo, os destinos do recontro.

Este se fere formidavel. Em meio á luta encarniçada, surge invencivel moço guerreiro. E taes e tamanhos são os golpes da sua clava, que a victoria se volta para o general, que a esperava da protecção do martyr, cujo dia se commemorava festivo.

Demos agora, após o triumpho, os nomes ás cousas e ás pessoas.

Aquella praia maravilhosa é o scenario do nosso littoral incomparavel; a batalha foi o feito de guerra entre portuguezes e francezes. O general em chefe era Estacio de Sá; o moço guerreiro, que surgiu mysterioso, em meio ao combate, reza lenda piedosa, foi São Sebastião.

Amanhã da victoria era luminosa, como luminosa deverá de ser a cidade, que, ali, começava. Seu padroeiro não podia deixar de ser o Martyr, sob cujos auspicios a terra privilegiada se inaugurava.

... ...

Volvem mais quatro centurias. Hoje, a cidade é a mais bella do mundo, assim como o seu Patrono é o mais bello de todos os martyres. Acima, sómente o Christo, que foi o principe de todos. Dos martyres e dos santos de todas as cathegorias.

... ...

Contam lendas que Carthago, a grande republica africana uma vez a deusa *Tanit*, protectora da cidade, revestida do seu manto talismanico, o *zaimph* mirifico, — era invencivel.

A capital do Brasil possue um defensor maior. Tanto maior quanto a realidade excede a lenda, quanto a ficção está abaixo da verdade. O Rio de Janeiro, uma vez sob o patrocinio incondicional do seu Padroeiro, exercerá para sempre este duplo papel, na Geographia universal: o recanto mais formoso do mundo e a cidade mais privilegiada da terra. Sim, emquanto este recanto for o altar de tão brilhante e poderoso protector, a ara sagrada de um bravo, de um heróe e de um santo: São Sebastião.

POEMAS CHINEZES

O ESPELHO DO CÉO

RAPIDA, A MINHA BARCA SEGUE O FIO DE AGUA,
ROÇANDO A AGUA DE LEVE QUE NEM A AZA DE UM PASSARO.

E OS MEUS OLHOS SEGUEM O CURSO DO RIO...

LA' EM CIMA, NA NOITE CLARA, CORREM NUVENS.

A NOITE CLARA TAMBEM ESTA' NA AGUA:
QUANDO UMA NUVEM DESLIZA SOBRE A LUA,
EU A VEJO DESLIZAR SOBRE O RIO.

PARECE ATE' QUE A MINHA BARCA VOGA NO CÉO...
E EU PENSO EM TI, O' BEM AMADA!
QUE TE MIRAS, ASSIM NO MEU CORAÇÃO...

A FLÔR E A ANDORINHA

CORTEI EM UM RAMO UMA FLÔR PEQUENINA, TODA ROSADA,
E OFFERTEI A' MULHER QUE TEM OS LABIOS FINOS E DOCES

COMO ESSAS FLÔRES PEQUENINAS E ROSADAS...

ROUBEI DO SEU NINHO UMA ANDORINHA DE AZAS NEGRAS,
E OFFERTEI A' MULHER, CUJAS PESTANAS LONGAS
SE ASSEMELHAM A'S AZAS NEGRAS DAS ANDORINHAS.

NA MANHÃ SEGUINTE, A FLÔRZINHA PENDEU, JA' MURCHA...

E ANDORINHA SEGUINDO A ALMA DA FLÔR, TOMOU VÔO,
PELA JANELLA ABERTA SOBRE A MONTANHA AZUL...

NO EMTANTO, NOS LABIOS DA MULHER AMADA
ABRE-SE A FLÔR ROSADA E PEQUENINA,
E AS NEGRAS PESTANAS, QUE LHE VELAM OS CLAROS OLHOS,
NÃO TÊM O AR INQUIETO DE QUEM QUER BATER AZAS...

DA COSTA E SILVA

O POBRE REI DA CREAÇÃO

Christovam de Camargo

E' do livro de Christovam de Camargo — "Fabulario de Vôvô Indio" — lançado, recentemente, no mercado pela Companhia Editora Nacional, é deste esplendido livro de espirito tão intensamente brasileiro, que entra o anno de 35, marcando um extraordinario successo literario, a fabula que abaixo transcrevemos.

Ella nos dá idéa do que é o magnifico volume de Christovam de Camargo, com a sua graça espontanea, a sua simplicidade no narrar e o seu colorido proprio:

"Havia algumas horas que lutava com as ondas. Sentia-se exhausto. Prestes a perecer, avistou ao longe uma ilhota. Era a salvação! A esperança deu-lhe novas forças. Revigorou as braçadas, transformou todo o corpo em nervos e, em alguns minutos, conseguiu pôr pé em terra.

As emoções, o esforço, o exgottamento de todo o seu ser, naquella estupenda batalha com a morte, atiraram-no prostrado ao solo. Adormeceu.

Não poderia precisar quanto tempo ficou assim entregue. Quando voltou a si, sentia-se fraco, com terriveis caimbras de estomago, calmo, porém, repousado.

De repente, uma sensação extranha... Mas... que seria aquillo? A ilha parecia mover-se... Horror, havia ido parar no dorso de uma baleia!

Começou a andar de um lado para outro, agitado. Tantas voltas deu, presa de um nervosismo que não podia sopitar, tanto virou, mexeu, que a baleia acabou por presentil-o. — "Esta mosca já me está aborrecendo!" — disse comsigo. E fez um pequeno movimento, uma contracção insensivel dos membros, como para sacudir o insecto importuno. O pobre naufrago cahiu de bruços e quasi rolou ao mar. Um grito sahiu-lhe dos labios contrahidos em um rictus de pavor.

— "Ué, disse a baleia, parece que não é u'a mosca" E, dirigindo-se áquelle hospede inesperado, perguntou-lhe mansamente, com essa doçura que só a força póde dar:

— Quem é você e que está fazendo ahi?

O homem extranhou aquella attitude humilde. A baleia parecia medrosa... A sua salvação estaria, quem sabe, em intimidal-a, forçando-a a conduzil-o a terra firme.

— Quem sou? Ora essa, é uma pergunta que me causa extranheza. Pois ainda não comprehendeu? Eu sou um homem, e ordeno-lhe que me conduza sem tardança á terra mais proxima!

A baleia teve um momento de espanto. Mas acabou sorrindo: — "Tem graça, este camarada..."

— Um homem? Nunca ouvi falar nisso... Ora, um homem, que quer dizer um homem?

— Então não sabe!... Pois sou um homem, o dono do mundo, senhor do céo e da terra! Eu sou o rei da creação!

— "O rei da..." A baleia não poude conter-se. Não, era de mais! Então, aquelle insecto, o rei da... Pôz-se a rir, a rir, que rebentava.

Mais calma, quiz continuar o dialogo:

— Mas então, conte-me como é isso, você, o rei da creação, hein?

O homem não respondia. Nem poderia fazel-o: ao primeiro estremeção da baleia no seu irresistivel ataque de riso, rolara desarvorado, desapparecendo no seio das ondas.

AS ARMAS DA CIDADE

(Conferencia illustrada)

1826 — 1858

No proximo dia 20 é o anniversario da fundação da cidade.

Não é de mais que tratemos das suas armas, usadas desde Men de Sá até os nossos dias.

O uso das armas das cidades data de tempos immemoriaes. Phenicios, egypcios e gregos, todos tinham as armas de suas cidades. Roma, desde a sua fundação, instituiu como armas — A loba amamentando os filhos — querendo significar que foi uma loba que deu o seu leite a Romulo e Remo, fundadores da cidade. Dahi cada cidade romana que se fundada creava o seu symbolo, ou armas, que serviam para as identificar. Eram como que o signal que as distinguia umas das outras.

1858 — 1889

Os soldados traziam gravadas nos escudos as armas das cidades de onde eram filhos e, quando mortos nos campos das batalhas, esses escudos serviam para indicar a cidade a que elles pertenciam. Os gaulezes tambem usavam armas em todas as suas cidades. Quando combatiam, um delles levava as armas empunhadas, como hoje os nossos soldados levam a bandeira. Tomar as armas de um soldado inimigo era a

1889 — 1893

maior gloria que se podia obter, o maior feito que se podia praticar, assim como deixal-a tomar, a maior covardia que um soldado podia mostrar.

Organisadas as nações da Europa, todas ellas foram introduzindo as suas armas, bem como cada cidade que se fundava.

Com a creação da nobreza, as familias, para se não confundirem, instituiram tambem as suas armas, collocando as figuras symbolicas em escudos. Descripta esta summula da origem das armas, passemos a mostrar as da nossa cidade, tanto quanto possivel, visto não haver nenhuma documentação sobre ellas.

A primeira arma da cidade foi ideada pelo seu fundador. Men de Sá declarou que o symbolo da cidade seria um mólho de flechas, querendo significar que a cidade estaria sob o patrocinio de S. Sebastião. Durou esse symbolo até os vice-reis, passando dahi em diante, — creado não se sabe por quem, — a ser um escudo tendo na parte superior um elmo-symbolo da força, e no centro a imagem de S. Sebastião, tal qual como se conhece. Durou essa arma até 1825.

1826 foi introduzida outra, que durou até 1858. Representava uma esphera armillar tendo na parte superior um salva-vidas, de dentro do qual sahem tres flechas. Tudo isso acha-se ladeado por um ramo de café e outro de tabaco.

1893 — 1896

Parece que os symbolos assim se pódem traduzir. A cidade é maritima (salva-vidas), tem por padroeiro S. Sebastião (as flechas), cultiva o fumo e o café e é poderosa (esphera armillar).

A esphera armillar, segundo Verneuil, no seu **Dictionnaire des Symboles**, significa autoridade, dominio, imperio, poder, Deus, em allusão a ser elle o creador e o senhor do Universo. Eurico de Goés, um erudito, autor da excellente obras "Symbolos Nacionaes", diz que a esphera armillar é o symbolo integrador da nossa evolução politica, é a figura representativa do Brasil reino.

Continuemos a estudar as armas da cidade, que succederam a essa e que, como já declaramos, foi até 1858.

A terceira das armas da cidade vae de 1858 até á proclamação da republica.

São a esphera armillar e as tres flechas, dentro de um escudo e tendo na parte superior um castello. Traduz-se: — a cidade fundada no dia de S. Sebastião é poderosa e forte (castello). Depois de 15 de Novembro de 1889 appareceu uma outra, que não chegou a ser officialisada, mas que se póde vêr em varios papeis conservados no archivo da Municipalidade. E' a mesma que acabamos de descrever, tendo ao centro, em vez de esphera armillar, o barrete phrygio (a republica). Em seguida, veiu

Estas foram as armas adoptadas pelo conselho da Intendencia Municipal nos primeiros annos da Republica.

outra, que durou de 1889 até 1893. Representava uma simples esphera, tendo dentro a constellação do cruzeiro (o Brasil) e em torno 21 estrellas (os 21 Estados do Brasil) e sobre tudo isso, outra estrella maior (talvez o Districto Federal) e os ramos do fumo e do café.

Essas armas foram de pouca duração: Em 1893 mudaram-nas.

Voltou a esphera armillar, sobre ella as 3 flechas e sobre as mesmas o castello, tendo sido conservados os ramos de fumo e café.

Duraram essas armas até 1896. Nesse anno, por proposta do Dr. João Pizarro Gabizo, então Intendente Municipal, foram creadas as armas actuaes cujos symbolos são os unicos que sabemos com segurança.

O castello significa que a cidade é forte, as flechas que o padroeiro é S. Sebastião, o barrete phrygio que a forma de governo é a republicana, os golfinhos, que a religião por ella seguida é a catholica romana, o barco que é maritima, a folha de carvalho, que é forte, a do louro, que é gloriosa e finalmente a esphera armillar, que é poderosa.

Nem todos sabem por que é que os golfinhos representam o catholicismo. E' porque os primitivos christãos tomaram por symbolo um peixe, que em grego é **Ichtios** — anagramma um pouco forçado — de Jesus Christus.

HERMETO LIMA

1896
Até os nossos dias.

A VÓZ

(Por CORIPHEU LUIZ)

AQUELLA voz tornou-se o ponto central da vida de Mariasinha. Todo seu pensamento. A principio, D. Cotinha não ligara importancia ao caso. Olhou-o como um desses communs caprichos de menina-moça. E Mariasinha bem o era. Conhecendo todas as responsabilidades de uma dona de casa, administrando-a na ausencia de sua mãe, possuia, porém, ainda, muitos desses caprichosinhos, proprios dos filhos mimados, dos filhos unicos. Por isso a preferencia pelo cantor do radio passou a principio por um desses caprichos. Porém, quando se transformou em idéa fixa, em mania, despertou os cuidados da vigilante D. Cotinha e instigada por esse sentido proprio das mães, que as faz prever o perigo, começou a observar a filha.

—o—

Era aquillo. Bastava o "speaker" annunciar: — vae cantar Francisco Nunes — o garganta de ouro... Toda vida parava em redor de Maria. Respiração suspensa, olhos dilatados, attenção fixa, acompanhava a voz do cantor. Nessas precipitações, chegara mesmo a quebrar alguns copos e pratos, quando, certa vez, arrumando-os, correra para ouvil-o.

O mal aggravava-se. A mania tomava dia a dia formas mais agudas. Francisco Nunes era a unica conversa de Maria. Pegava na penna para estudar e surprehendia-se enchendo paginas e paginas com o nome do artista. A P. X.-2 era a unica estação ouvida em casa de D. Cotinha. Durante o dia telephonava varias vezes para o cantor, pedindo-lhe bisar suas producções. Trabalhadeira, zelosa, activa, tornou-se apathica, indifferente. Passava horas a fio junto ao radio. Uma tarde, toda perfumada, pintada, vestindo o seu mais bello vestido, collocou-se junto ao radio. D. Cotinha, surpresa, perguntou-lhe:

— Aonde vaes, Mariasinha?

— Eu! em parte alguma...

— Então, por que te arrumaste assim?...

— Ora, porque! por causa delle!...

Desse dia em deante todas as tardes era a mesma cousa. E passava horas e horas junto ao radio, esquecida de tudo, de todos e de si mesma.

—o—

Esse facto poz a casa em reboliço.

D. Cotinha e o Coronel Fagundes tudo fizeram para distrahir a filha. Convidavam-n'a para passeios e festas. Appellaram para os parentes e amigos. A casa encheu-se de moças e rapazes que faziam tudo para desviar a attenção de Maria.

Tudo inutil, porém. Só ao radio, só á voz do "speaker" ella obedecia. O apparelho funccionava o dia inteiro e bastava o "speaker" annunciar: — "vae cantar Francisco Nunes — o..., para tudo mudar. Os olhos de Maria brilhavam. Corria ao espelho: ageitava o penteado, reajustava o carmim, avivava o "bâton". Syntonisava o apparelho. Irritada, exigia silencio aos presentes. E muda, immovel, ouvia, em extase. Terminada a canção, por alguns momentos, tornava-se conversadeira. Porém, só falava no cantor, sobre seu repertorio, que conhecia nos menores detalhes. Depois cahia no mesmo mutismo.

—o—

D. Cotinha, afflicta, recorrera a tudo. Usara allopathia e homopathia. Consultara os mais notaveis especialistas em molestias nervosas. Já gastara uma fortuna. Sem acreditar, fôra a uma sessão espirita. Chegara, mesmo, a consultar uma "macumba" lá pelos lados de Inhaúma. Depennara, vivo, um gallo preto, pintou-o de vermelho e numa sexta-feira, lá foi, pigarreando, para esconder a incredulidade e a commoção, o Coronel Fagundes, collocal-o numa encruzilhada. Tudo inutil, porém.

D. Cotinha cada vez mais triste.

Toda casa cada vez mais triste. Parecia um cemiterio. Só o radio era o unico que tinha direito á palavra.

As cousas iam nesse andar, por uns seis mezes, quando um facto tudo mudou. O "speaker" da P.X.-2 annunciara que, por iniciativa da estação, se preparava um desfile de seus "astros" num theatro da cidade. A noticia tornou-se em vida para Maria. Era o seu unico assumpto. Formulava projectos. Levou dias escolhendo figurinos. Outros escolhendo fazendas. Sahia frequentemente para fazer compras. A apathia fôra substituida por uma actividade febril. Acompanhava todos os detalhes do programma da festa. Fazia hypotheses sobre "elle". Será alto? Usará bigode? Louro ou moreno? E a sua phantasia creava um typo que logo era substituido por outro. Os ultimos dias que faltavam para a festa foram de enormes actividades. Emfim chegou.

—o—

Theatro cheio.

O Coronel Fagundes, envergado em sua farda cheirando a naphtalina; D. Cotinha, solemne, num vestido de seda, o mesmo do casamento, reformado e Maria, preparada como uma noiva, alcançam, com difficuldade, os logares. Cadeiras de frente compradas com grande agio. Inicia-se o espectaculo. Passam os artistas. Annunciadas pelo "speaker", em funcções de "cabaretier" os numeros se succedem. Maria olha indifferente.

— A vóz de ouro, o cantor da cidade, Francisco Nunes... annuncia o "speaker".

— Elle!...

O grito de Maria chama a attenção dos visinhos. D. Cotinha e o Coronel a contêm. Maria fecha os olhos. Suas mãos, com força, apertam os braços da cadeira. Seu corpo treme. Uma voz, numa canção popular, se extende pela sala. A vóz "delle". Limpida. Directa. Natural. Abre os olhos. Porém, fecha-os novamente. No palco, um homem alto, magro, nariz adunco, velho, mais velho ainda pelas rugas, canta. Feio. As costas abahuladas, devido á magreza excessiva, dão-lhe a impressão de um espantalho de arrozal.

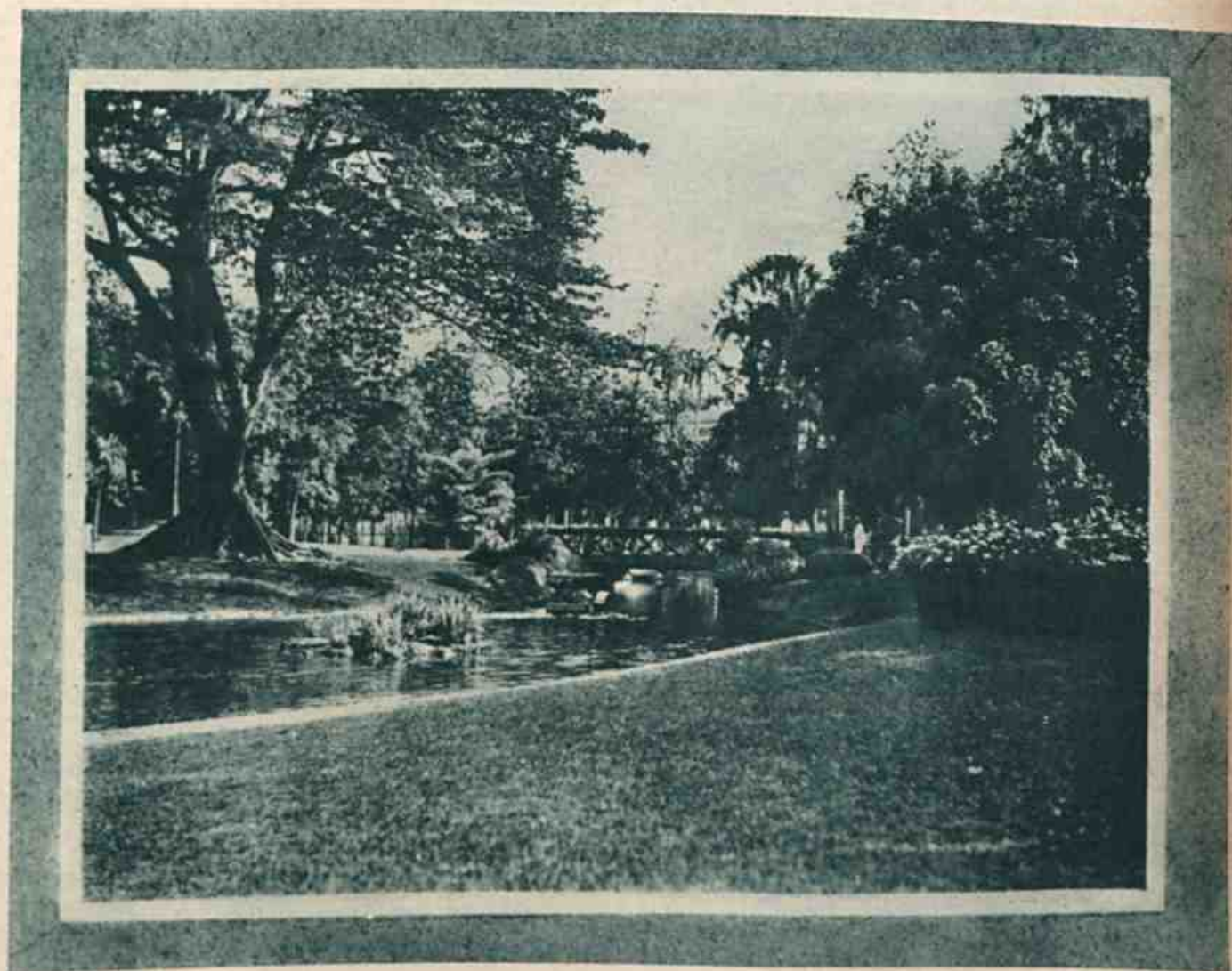
—o—

Maria voltou á si pelo echoar das palmas. Sem haver terminado o espectaculo, sahiu... O Coronel Fagundes e D. Cotinha, admirados, seguem-n'a. Na rua assustam-se com a pallidez da moça.

—o—

Em casa de D. Cotinha nada mudou. O mesmo cemiterio. O Coronel anda o dia inteiro da sala para a cosinha e da cosinha para a sala, pigarreando baixinho. D. Cotinha, ás vezes, procura fazer uma graça, e rir, porém, ante a quietude da casa, acaba envergonhando-se. Maria passa os dias inteiros no quarto, recostada na cama, immovel, numa apathia de cousa inanimada. Nada mudou em casa de D. Cotinha? Houve, sim, uma mudança. Nem o radio, mais, tem a palavra. Num canto, cheio de pó, mudo, tambem, vive triste.

As sombras bucolicas da velha Praça da Republica, caindo do alto das arvores centenarias que assistiram as glorias e a derrocada da monarchia, dão um aspecto de recolhimento á paizagem do parque, oasis de tranquillidade no meio da cidade trepidante.

Tarde de descanso,

Encerrandc a expedição, pensam no cinema do bairro.

O costume do "wee-kend", no commercio e nas repartições publicas vem custando, no Rio, a ser adoptado. Surgem as iniciativas, de raro em raro. Sómente agora é que se vem comprehendendo melhor a necessidade do fim da semana, e, ... cidade que tanto se apraz a seguir as boas normas das civilizadas e mais velhas, o habito do descanço ao sabbado apenas poude attingir aos Bancos, Ministerios e as casas do alto commercio.

Acompanhando este surto de progresso da metropole, estivemos em campo, registando os casos em que as empregadas podem contar com esta fauuldade, aproveitando as tardes do ultimo dia da semaena em "picnics", banho de mar, visitas, e ás suas compras.

Nadir de Almeida, trabalha em uma companhia. Vemol-a aqui alegre, jovial, num sabbado, correndo ao telephone para combinar com a companheira, antes de deixar o serviço mais cedo, o passeio á Paquetá, em cujas praias morenas, depois do "pic-nic" poderão tomar os banhos de sol.

— Realmente é uma lastima que ainda não se estendesse a medida, ás demais casas commerciaes, cujos habitos antiquados não se coadunam, de certo, com o pregresso da "urbs".

— Allô! Allô! não esqueça de me esperar no "Ponto Chic.".

Eu, por exemplo, aproveito sempre estas tardes. Ellas são para mim encantadoras, porque ha sempre o que fazer, assim que deixo o livro de facturas e as contas da Companhia.

Encontrámos Flora Ulmann, retirando, da machina de escrever, o trabalho para poder aproveitar o "wee-kend". — Francamente, é bom trabalhar-se em um estabelecimento bancario, onde a gente póde, pelo menos, embora o múito serviço da correspondencia, nos outros dias, se divertir nos sabbados.

Eu gosto de ir aos cinemas, com mamãe. E, então quando tem uma fita da Greta Garbo. Mas agora,

aqui para nós, a Hepburn vae me matando a admiração que eu tinha pela sueca: bem mais interessante.

Na redacção da "Lux Jornal", o jornal dos jornaes, onde se cortam os recortes que são enviados para o paiz e estrangeiro.

Sabbado. Entrámos justamente quando o serviço é suspenso para que os empregados tenham a justa recompensa de seus esforços semnaes.

Margarida Ferreira e Iracema Lima são ali encarregadas do serviço da expedição para o "aereo".

Mas chegada a hora do descanço semanal, empilham o serviço prompto, e sahem para uma visitazinha á costureira, preparando-se para a festa de seu club favorito no suburbio socegado, onde Jean Richepin disse que morava a alma mansa e boa das grandes cidades.

Depois do cansaço da semana a caricia da brisa marinha.

aos sabbados

E existem as funccionarias dos Ministerios que vão para a praia, aproveitar o dia, como estas duas, em pleno sol, emquanto a brisa do mar passa numa caricia.

Entretanto, conta a cidade empregadas que, mais praticas, aproveitám o fim da semana na leitura, illustrando o espirito, como se verifica neste flagrante, dos melhores.

Mlle. vae á Bibliotheca e procura o livro que está lendc.

Uma pequena reconciliação com a leitura depois do trabalho incessante, parece-lhe — nota-se pelo seu olhar — um de seus passatempos mais amaveis.

Eis ahi como as moças sabem gosar o "wee-kend" entre nós, lamentando, entretanto, as que o possuem, o desprezo das companheiras que trabalham sem esta esperança de poder descançar um pouquinho aos sabbados.

— Este chefe é cabuloso; á ultima hora ainda manda esta carta.

DE CINEMA

Por MARIO NUNES

VENCIDAS as Galias e Pompeu o Grande, Julio Cesar volveu olhos cubiçosos para o Egypto onde partidarios de Cleopatra e de Ptolomeu se degladiavam pela posse do poder. Potinos logo que o guerreiro illustre chegou a Alexandria fez sequestrar Cleopatra e pediu a troco de vil submissão o reconhecimento de Ptolomeu a quem Julio Cesar devia já a morte de Pompeu mas Cleopatra fugindo ao exilio apresentou-se a tempo e envolveu o dictador romano na sua seducção. Conheceu Julio Cesar dias felizes, esquecendo Roma. Seus inimigos começaram a conspirar e seus amigos se bandeavam. Calpurnia esposa repudiada de Cesar deu então uma esplendida festa. Brutus o melhor amigo do dictador defende-o mas estará prompto a assassinal-o se é verdade que elle pretende proclamar-se rei de Roma. Só falta á festa Marco Antonio marido de Octavia irmã de Octavio, sobrinhos de Julio Cesar. Chega, porém, radiante: o vencedor das Gallias e do Egypto está ás portas de Roma. Que sua esposa, Octavia e Calpurnia se preparem para recebel-o!

Calpurnia sabia que Julio Cesar a deixara para dedicar-se a outra mulher e recusou-se a ir recebel-o e assim Octavio a quem Marco Antonio agrediu. Hymnos triumphaes erguem-se aos ares. As ruas se apinham de povo á espera do victorioso cortejo. Vêm á frente as bandas marciaes. A seguir leões, tigres, leopardos prova de que o Imperio Romano alargou suas fronteiras. Depois em um carro de assalto a augusta figura de Julio Cesar seguida de suas invictas legiões e rodeada de centenas de bailarinas egypcias que dansam sem parar.

Em sumptuosa liteira conduzida por gigantescos nubios repousa Cleopatra. Olha-a o povo com temor e admiração. Sua belleza e fausto offuscam-no.

Os patricios dos balcões de suas sumptuosas residencias olham tambem com inveja mas reconhecem que Cleopatra é seductora e linda.

Por onde passa Julio Cesar a multidão delira. Só um adevinho toma-lhe o passo para dizer:

— Cesar não te fies! São os idos de Março!

Cesar, porém, nem attenta nelle, e terminado o desfile recolhe-se á casa de sua mulher para repousar e coordenar os assumptos que no dia seguinte exporia ao Senado.

ma scena grandiosa de Cleopatra

O suicidio de Cleopatra.

CLEOPATRA

Na noite desse dia reuniram-se em um dos bahos da cidade varios personagens entre os quaes Brutus, Cassio e Casca. Estava confirmado, disseram a Brutus, que Julio Cesar declararia-se Rei, abanonar definitivamente Calpurnia e fazer de sua amane Cleopatra, rainha do povo romano.

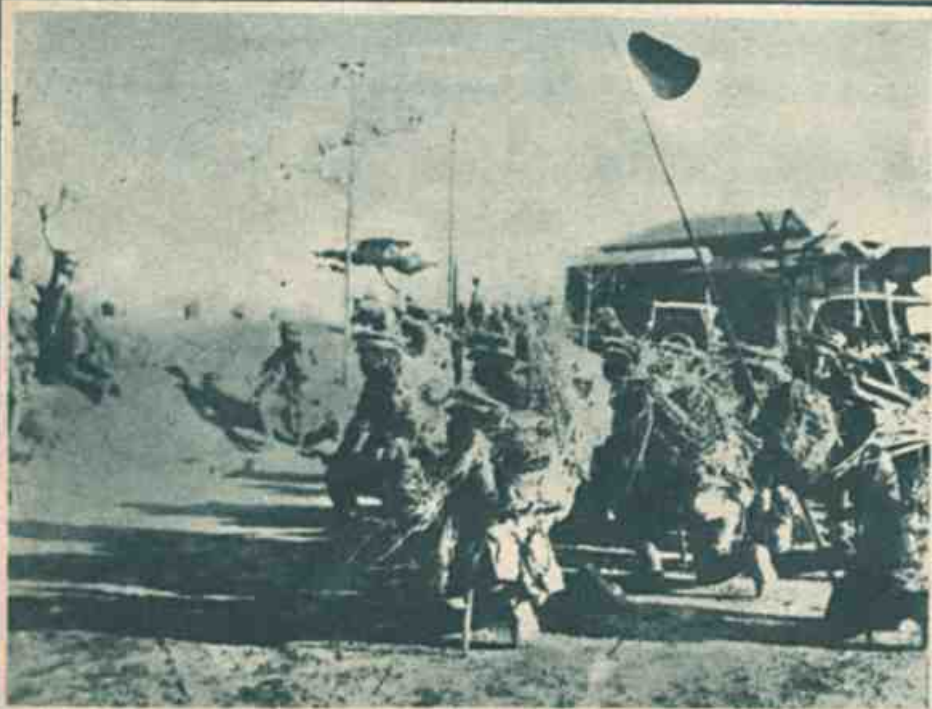
Brutus não tolerou a affronta. Temia que Cesar, omo sempre, convencesse o Senado. Não o deixaiam falar ao Senado!

E assim chegou o dia aziago um dia placido e onito.

A alegria reinava no palacio em que Cleopatra fôra hospedada. As escravas radiantes faziam-na mais bella do que nunca. Presentes ricos chegavam de instante a instante. Eram vestes reaes para a Imperatriz do mundo! Marco Antonio e seu fiel general Enobarbo visitam Julio Cesar e procuram dissuadil-o de ir aquelle dia ao Senado. Cesar insiste. O amigo chama-o á razão. Para conquistar a India não é necessario o casamento com Cleopatra. As mulheres devem ser consideradas, apenas, instrumentos de goso.

— Nunca anteriormente precisaste de mulheres para vencer batalhas. Cleopatra tornou-te um egypcio. Trouxeste naves e gente do Egypto. Trocaste o calendario romano pelo egypcio. Mas não lograrás que uma rainha do Egypto governe Roma. Nunca! A aguia romana a cujas plantas está prosternado meio mundo não se rende a uma mulher!

Essas palavras asperas não demoveram Julio Cesar que logo após se aprestou para seguir para o Senado.

O MUNDO

MANOBRAS MILITARES NO JAPÃO — Assim dissimulados é que os soldados da "Divisão de Oeste", da Infantaria japoneza, esperaram os ataques do inimigo. Os combates tiveram logar ao norte do rio Kanto... sem musica.

O MAIOR PHAROL DO MUNDO — E' o de Makapuu Point, a 16 milhas de Honolulu. Gasta-se uma fortuna com o seu entretenimento. As multiplas lentes de que é favorecido tem 13 pés de alto e um diametro de 9 pés. Para comparação de tamanho, tomem os dois homens que se avistam no interior da torre de vidro. O pharol gigantesco projecta luz até a uma distancia de 21 milhas.

O COMMANDO DO "NORMANDIE" — O capitão René Pugnet, ex-commandante do "Paris" (ao centro), mostrando aos 1°s. commissarios de navio Henri Villar (á esquerda) e Jean Henry a planta do "Normandie". O novo gigante do mar será lançado em Maio proximo, em Saint-Nazaire, sob o commando do cap. Pugnet.

DEPOSIÇÃO DE UM GOVERNADOR — Helmuth Brueckner, governador da Silesia e leader nazista, que foi destituido de suas funcções pelo Führer, por ter sido julgado indigno de figurar no Partido Nacional Socialista allemão, devido ás suas divergencias no tocante á politica economico-social.

RELIQUIAS DO PASSADO — Acima, uma barca do tempo de Mark Twain, o grande humorista americano. Os ribeirinhos do Mississipi ufanavam-se de possuir uma embarcação destas. Em baixo, uma barca moderna, das que fazem a travessia de Pittsburgh a New Orleans.

EM REVISTA

A FESTA DAS CATHERINETTES — Todos os annos, ao findar Novembro, Paris commemora, com grande enthusiasmo, o "Dia das Catherinettes". As moças "além dos 25", que ainda esperam o principe encantado entrevisto na adolescencia, sahem a folgar pelas ruas, distribuindo sorrisos e beijos aos rapazes. Em toda parte, realizam-se festivaes e bailes em homenagem ás "Catherinettes".

FOGO NUM GRANDE EMPORIO — Vista geral do incendio que se declarou numa das dependencias dos estabelecimentos Portland, nos primeiros dias de Dezembro passado. Os damnos são calculados em um milhão de dollars. Foram destruidos seis edificios, seis armazens, dois barcos, uma fragatá, um rebocador e oito carros de frete. Dois homens ficaram feridos.

A CEIA DOS CORDEAES — Donald Richberg, um dos directores do Conselho Nacional de Emergencia dos Estados Unidos, em conversa com C. L. Bardo, presidente da Associação de Manufactureiros de New York, durante o banquete, no Waldorf Astoria Hotel, commemorativo de uma data "cara".

DUAS PIONEIRAS DO AR — Henrietta Summer (á esquerda) e Jean La Rene, no campo de aviação de Wiley Post (Oklahoma, E. U.) São duas lourinhas aladas, que andaram no ar durante 6 dias (de 30 de Novembro a 5 de Dezembro), na intenção de conquistarem o record de resistencia feminino (240 horas).

EM HOMENAGEM A SHAKESPEARE — No hotel Kaiserhob, em Berlim, foi realizada recentemente uma grande homenagem a Shakespeare, promovida pela "All-Peoples Association" discursando por essa occasião Sir Archibald Flower (á direita) e Lady Flower (á esquerda).

VARIOS ASSUMPTOS

CONCURSO INFANTIL DE PIANO — *A pequena artista Clara Faerstein, alumna da professora Lucia Branco, que conquistou o primeiro premio no concurso infantil de piano organizado pelo Conservatorio de Musica de Nictheroy. A essa prova, que se realizou com a presença dos elementos mais cultos da sociedade nictherovense, compareceram 14 concurrentes, submettendo-se ás provas para audição dessa selecta platéa e da commissão julgadora, composta de cinco professoras do referido Conservatorio.*

Enlace José d'Oliveira Barbosa—Eumenides Ribeiro de Carvalho.

Um seculo de fecunda existencia

Pessoas presentes a cerimonia religiosa na Candelaria

UM seculo de actividade constante! Foi essa a gloriosa pagina que voltou no dia dez do corrente o Montepio dos Servidores do Estado, a veneranda associação que no decorrer de todo esse periodo tantos beneficios ha derramado entre o funccionalismo publico.

A data centenaria do Montepio dos Servidores transcorreu festiva e solemne, no meio de justo regosijo a que se associaram seus distinctos funccionarios, assim como uma enorme legião de socios. Data a fundação do Montepio dos Servidores do Estado de 10 de Janeiro de 1835, graças ao espirito de envergadura como foi o Visconde de Sepetiba, animo resoluto e justamente affeito a realizações como a de que tratamos.

Lançadas as suas bases, nenhuma sombra de capital doirou as suas arcas. Foram as proprias contribuições dos socios as primeiras sementes de que brotou o grande monumento que hoje entra no seu 2º seculo de vida. Essas contribuições, honesta e intelligentemente aproveitadas foram de tal maneira applicadas na forma dos estatutos que, em pouco a novel sociedade se impunha ao respeito e confiança de todos. E assim crescendo e augmentando em forças, hoje dispõe de um effectivo de 1.010 socios. No quadro de seus pensionistas o Montepio conta o numero de 2.770, tendo a sua secção de emprestimos movimentado no anno findo a importancia approximada de 14 mil contos.

A actual directoria compõe-se do Dr. Alvaro Pereira, presidente; Dr. Ubaldino do Amaral Filho, vice-presidente; directores, Dr. João Baptista de Moraes Rego, Cel. João F. de Azeredo Coutinho, Dr. Benevenuto de Lima, Dr. João da Rocha Maia; Dr. Oswaldo Soares, Dr. Homero Viegas, Dr. Mario Camara e Dr. José Pacheco Dantas. A frente da secretaria se acha o Dr. Alfredo Leal de Sá Pereira, que além de um espirito de escól é uma vontade organizada e que foi uma poderosa estaca da grandeza do Montepio.

As funcções de presidente são desempenhadas pelo Dr. Ubaldino do Amaral Filho, no impedimento do Dr. Alvaro Pereira. O Montepio dos Servidores se acha installado á travessa de Bellas Artes 25, predio de que é usufrutuario por um lei do Congresso, ainda no 2º Imperio. Era em começo um edificio de pequenas dimensões e pelo qual pagava de aluguel 16$000 por mez. Apesar de usufrutuario do edificio foi este grandemente ampliado e de modo a attender a todos os seus serviços.

Para commemorar a data centenaria da instituição a directoria do Montepio fez celebrar missas no dia 9 em suffragio da alma dos socios fallecidos e no dia 10 em acção de graças pela data. As ceremonias foram realizadas na Candelaria, com assistencia numerosa.

Além dessas demonstrações, a directoria realizou uma sessão solemne em sua séde, commemorativa do centenario, deliberando ainda distribuir 300 contos pelas suas pensionistas, facto que repercutiu em toda parte com grande sympathia.

SUAVE ILLUSÃO

de MIRANDA GOLIGNAC

Deslumbrado, o homem parou numa esquina da rua, e ficou de olhos abertos, desmedidamente abertos, o pescoço oscillando como um pendulo, perscrutando todas as direcções, o coração batendo forte no peito, sentindo uma emoção extranha, jamais experimentada em toda a sua vida...

Tudo lhe parecia extranho, tudo para elle era novo, inédito, e a cidade se apresentava aos seus olhos, cançados de tanta sombra, como um paiz maravilhoso.

Muito tempo ficou elle parado, inactivo, fascinado pelo clarão das luzes cambiantes, olhando o movimento, os automoveis, os bondes, o povo, a massa humana, agitada, febril, trefega, irrequieta...

Sentiu, por vezes, o delirio da alegria subir-lhe ao cerebro e teve impetos de correr, gritando como uma creança cheia de liberdade para se confundir com os outros, para commungar tambem daquella alegria franca, communicativa, espontanea, sadia.

Quanta felicidade espalhava o mundo áquella noite de Natal! — pensou o ex-presidiario Apparicio Lemos. E, voltando-se, olhou para o fim da rua já percorrida. De longe, ainda assim, vislumbrou o edificio silencioso e triste do presidio... De lá sahira havia poucas horas. Dez annos permanecera ali entre paredes e grades, recluso, isolado do mundo, illiberto, esquecido...

Tambem não voltaria mais para lá. Nunca mais!

Appparicio Lemos teve um gesto de despreso, sacudiu os hombros e marchando murmurou silencioso:

— Tudo passou... Hei de esquecer...

—:o:—

Empolgado sempre pelos esplendores da noite, o homem continuou a andar sózinho pelas ruas movimentadas e barulhentas, cheias de luzes e risos, de alegria e de vida.

Um amigo siquer não encontrara... Ninguem que elle conhecesse. Tambem tudo mudara: as casas... a gente... os costumes... até elle proprio estava mudado, differente, irreconhecivel...

Sentiu-se de subito attrahido por um bimbalhar de sinos.

Sabia que naquella noite o mundo inteiro festejava o Natal de Jesus.

Mas o repicar festivo dos sinos, dentro da noite illuminada e alegre, veiu despertar em si um punhado de recordações que pareciam de ha muito sepultadas no anniquilamento do passado, esquecidas, mortas, immemoraveis...

Foi então que sentiu forte na retina a visão da infancia, dos tempos bons da meninice, quando, em noites como aquella ganhava a rua com os amigos para comer gulodices nos taboleiros, dirigir graçolas ás meninas, ir vêr os "Fandangos", o "Bumba, meu boi!", os "Congos" e tantos outros divertimentos natalinos.

Quanta felicidade já sentira em sua vida e quanta amargura supportara a sua alma estoica no silencio lugubre do carcere, depois que o ultimo natal de sua vida anterior fechara atraz de si as grades da prisão...

Justamente ha dez annos passados — como se recordava tão bem! — naquella noite de Natal, na mesma egreja que os seus olhos reviam agora illuminada e cheia de gente, conhecera Sulamita Maria, moça bonita, alegre, cheia de vida e que um mez depois fizera sua mulher...

Fôra imprudente e impensado aquelle seu gesto de casar-se tão rapidamente. Estava louco. Não reflectira, siquer. A sua mocidade, descuidada, leviana, fôra a causa unica da sua tragedia. E o resultado fôra aquelle, imprevisto, brusco, inopinado, chocante: — matou-a!

Reconhecia, agora, tardiamente, a infantilidade do seu gesto de vingança. Ella nem siquer merecia a bala que a prostrou sem vida no proprio leito que a sua infidelidade conspurcara.

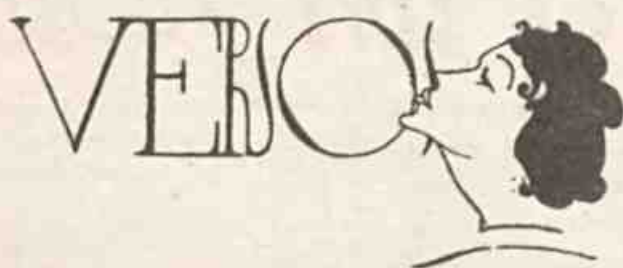
Apparicio Lemos ficou por algum tempo ao abrigo discreto de uma sombra, envolvido nas tramas daquellas recordações dolorosas — capitulos negros que se abriram no livro da sua vida — contrastando com a festividade dos sinos vibrando unisonos pelo espaço em fóra...

—:o:—

Depois que a missa acabara, Apparicio Lemos ainda ficou muito tempo, como em extase, rezando, deante do altar da Virgem, illuminado, dentro da egreja deserta.

Quando sahiu do templo, sentiu-se como que revigorado na sua fé de vencer, liberto de tudo, das grades, do ostracismo em que vivera e do supplicio de recordar o seu proprio passado.

Perdoara e sentia-se perdoado do seu gesto, porque o seu coração soffrera uma metamorphose divina e agora batia alegre e feliz dentro do peito, como aquelle repicar de sinos que ouvira ha pouco.

E dentro da suave illusão que o envolvera depois da prece, Apparicio Lemos continuou a andar pelas ruas, agora desertas, sózinho, como o Ashaverus da lenda, porem levando a alma alentada pelo desejo ardente de vencer, restituido á nova vida que agora se abria para elle como as portas de um novo paraiso, alegre, satisfactoria, illuminada e bonita como o esplendor da noite que passara.

DO ALTO

Pedra a pedra vencendo, a subir a montanha,
Palpitam-me asas no hombro e asas no pensamento.
E a alma, tantalizada, em louco encantamento,
Quer subir mais ainda, insatisfeita, extranha;

Quer, por sobre as paixões, galgar o firmamento,
Sem temer do vulgacho a raiva que lhe assanha,
E, emquanto a humanidade, aos choques, se amarfanha,
Alheiar-se do mundo e ser pura um momento.

Mas... do alto da ladeira, abrindo em derredor
Meu circulo visual de eterno sonhador,
Toda a minha illusão rue por terra, vencida:

Icaro doutra especie, a escabujar no lodo,
Sinto que, a cada esforço, ha, por premio, um engodo,
Na materialidade estupida da vida.

Eydher Pestana

ONDE A FELICIDADE MORA...

Omar d'Elevi

Felicidade mora ali:
...é uma casinha branca entre roseiras,
tendo cortinas leves nas janellas
e gaiolas com aves prisioneiras,
cantando tagarellas...
Lá por dentro uma voz canta e sorri...
E' feliz... Felicidade mora ali...

Felicidade mora ali:
...é uma choupana risonha entre coqueiros,
gaivotas pelo azul... em frente o mar...
Ha cantigas de amores marinheiros
esvoaçando no ar...
Um pescador olha o céo... canta e sorri...
E' feliz... Felicidade mora ali...

Certo dia tambem...
...teremos nosso lar entre jardins floridos...
Haveremos de ficar, toda tarde, juntinhos
olhando para o céo... como dois esquecidos...
como dois passarinhos...
E ella ha de cantar baixinho p'ra eu ouvir...
E dirão ao passar: — "São felizes...
Felicidade mora ali..."

O HOMEM TRISTE...

Naquella casa havia um homem triste
com uns olhos amarellos de doente...

Naquelle tempo eu era tão pequeno,
que brincava com os filhos do visinho
de "coelho sahe... não sahe..."

Um dia, vi uns homens,
pela casa do homem triste de olhos amarellos...
Depois, um carro que sahiu com o povo atraz:
e, uma velhinha que ficou chorando!...

— O homem triste morreu?!...
...e fiquei pensando... pensando...

Então, mamãe, notando as minhas scismas,
poz-me no collo e disse-me entre beijos:
— Sabes, meu filho,
"aquelle homem triste que morreu,
"era um poeta!...

E fixando os olhos de mamãe:
— De que elle morreu?...
(e ella respondeu-me num cicio)
— De saudade, meu filho!...

Desde então é que fiquei sabendo,
que, todo homem triste
de olhos amarellos côr dos meus,
é um poeta que morre de saudades!...

Luis Nunes Baptista

DENTINHO NOVO

José Farnese

Dentinho novo do meu filhinho
que mal despontas sózinho,
Vens enfeitar o sorriso,
orgulho de mim e della,
que elle faz innocente,
com aquella boquinha sanguinea?
Ratinho do meu filhinho:
antes tu não viesses...
porque queriamos a sua boquinha
sempre rosa só,
sempre fresquinha,
onde nossos beijos se esmagam
sem encontrar resistencia.
Dentinho ruim, ponto de aspereza
que vem quebrar a molleza
daquelles beijos tão doces...
Ai! dentinho novo!
Tem dó de mim e della,
não venhas pra nos morder...

Carta a um noivo

Meu amigo:

Li, nos jornaes, a noticia do teu noivado. Em vez de um automovel, apparelho de radio ou geladeira, mando-te, como presente de nupcias, um punhado de conselhos.

"Conselhos de homem solteiro!" dirás tu, com menosprezo sorridente. "E' **verdade!** respondo eu — **Um homem casado já não possue serenidade para os dar e, ainda que possuisse, evitaria fazel-o por não supporem, os outros, vir da experiencia propria o direito de impedir a infelicidade alheia..."**

—:o:—

Se queres ser feliz, procura ser cego, surdo e mudo: cego ás leviandades de tua mulher, surdo ás vozes do teu sentimento, e mudo deante de tua propria infelicidade...

—:o:—

Enche a tua casa de cavalheiros, se a mulher o exige, mas nunca lhes chames, se tens vergonha, de teus "amigos". Dize sempre: os "amigos de minha mulher"...

—:o:—

Quando sahires com tua esposa á rua, não brigues com os homens que a olharem insistentemente: esses são os candidatos e, portanto, ainda não offerecem perigo. Briga, antes, com os outros: os que já a conhecem de mais, como tu mesmo...

—:o:—

Não sei se escolheste uma creatura bonita e intelligente, mas deverias tel-o feito. Não vale a pena casar com mulher feia: as feias tambem enganam... Não convém casar com mulher imbecil: estas enganam de modo a deixar o marido em situações ridiculas...

—:o:—

Se notares que tua mulher apparece com joia nova, ou com um vestido novo (que não lhe déste, nem podias ter dado), não te amofines, nem te rebeles. As mulheres são deuses de saias: tiram, do nada, um Mundo... Pede, antes, que te arranje uma roupa nova pelo mesmo processo synthetico...

—:o:—

Não prohibas á tua mulher que tome banho de mar: a praia é, afinal, o unico logar decente onde as damas se despem...

—:o:—

Se fôres fazer uma viagem, e perderes o trem ou navio, nunca voltes immediatamente para casa: obrigarias a mulher a chorar, de novo, quando te despedisses — o que não seria rasoavel, nem humano...

—:o:—

Se chegares a ser muito rico, e tiveres um automovel de luxo, farda o teu **chauffeur**, evitarás, assim, que o tomem como dono do carro e de tua esposa...

—:o:—

Se tua mulher for bonita, convida os teus chefes ou as pessoas de quem dependas, para almoçar ou jantar, com frequencia, na tua casa — e é bom que, á sobremesa, pretextes, sempre, um chamado urgente ao telephone, ao qual só tu possas attender...

—:o:—

Nunca chegues em casa fóra dos teus habitos, sem aviso telephonico, mesmo que seja do botequim da esquina: póde ser que a tua mulher não tenha tempo para fazer a "maquillage" e correrá o risco de ter, della, uma impressão differente ou, mesmo, falsa...

—:o:—

Se encontrares, por acaso, um cavalheiro qualquer beijando a tua esposa, nunca faças loucuras: interroga os dois, porque é sempre mau a gente deixar-se levar pelas primeiras impressões...

—:o:—

Se alguem quizer proteger-te desinteressadamente e sem que atines, logo, com o motivo, recusa-o com orgulho, mas se a protecção fôr á tua esposa, não sejas mau: a mulher é um ser tão fragil, tão necessitado de amparo!...

—:o:—

Escolhida a noiva, nunca indagues de seu passado: o Passado, como a propria Mulher, nunca pertence a um só individuo: é patrimonio do genero humano...

—:o:—

Evita interpretar as palavras mysteriosas, os restos de phrases, as lagrimas sem razão, as dôres de cabeça subitas da mulher a quem amas: uma falta que se occulta é, sempre, uma falta meio ridicula...

—:o:—

Um homem casado nunca tem a certeza absoluta de que é enganado pela sua esposa: é essa, sem duvida, a applicação mais feliz e mais universal da theoria da relatividade de Einstein...

—:o:—

Nunca te vingues de tua esposa enganando-a com uma de suas amigas intimas: quasi sempre, estas só têm, sobre tua mulher, a vantagem de... não serem tua mulher.

—:o:—

No dia mesmo do teu casamento, procura fazer uma profissão de fé, qualquer que seja a tua profissão particular e social. Ajoelha-te deante da imagem de que és devoto, e dize, com as mãos no peito, contrictamente: **"fazei, meu Santo, com que eu acredite, sempre, na minha esposa!"** Só assim serás feliz..

—:o:—

Nunca prohibas á tua mulher que vá ao consultorio, nem a acompanhes ao medico: a Medicina é uma sciencia sagrada, e o segredo profissional — o primeiro de todos os segredos...

—:o:—

A **hora do dentista** é, tambem, uma hora respeitavel: não ha nada tão efficaz para fazer uma dama perder o seu prestigio, na sociedade, como deixar de ir, tres vezes por semana, ao dentista... Os maus dentes tornam pessima a fama...

—:o:—

Um ultimo conselho: ainda que desmanches o actual casamento, não fiques solteiro. As mulheres suppõem, sempre, que um solteirão é um homem que não tem coragem... para ser desgraçado.

Eis o que tinha a dizer-te o mais velho dos teus amigos, e o mais novo dos admiradores de tua futura esposa.

Berilo Neves

acreditem ou não... POR STORNI
O Brasil vive agora "emparedado". "Paredes" por todos os lados! Não sabe para que lado deva se mexer... — Embora algumas "paredes" sejam "resistentes", outras são "furadas", o que lhe permitte respirar, felizmente...
Na grève dos correios deu-se um phenomeno interessante. O publico abandonou a correspondencia. Ninguem mais escreve nem compra sellos, facto este que tem contribuido muito para o socego geral.
Um jornal uruguayo, commentando a candidatura sulamericana ao premio Nobel, declarou que os "premios" não se imploram, se conquistam! A indirecta não se entende com esta secção...
SOCIEDADE LIMITADA DA PAZ MUNDIAL
Uma bella cidade serrana recebeu pouco elegantemente um novo prefeito. No dia da posse o funccionario teve que descer precipitadamente a serra! Descendo, porém, elle subiu á serra!...
Uma familia conhecida está em seria situacão financeira. A filha precisa do dinheiro para as suas despesas superfluas. A mãe pondera que o pae tem mais dividas do que receita, e que é preciso fazer economia rigorosa. A filha então retruca dizendo que suspenda o pagamento das dividas, mas que lhe dê o dinheiro. E a questão está neste pé!
Em França foi dissolvida a sociedade Objectores de consciencia, por se intrometter em cousas que não lhe competiam. Apesar das objecções dos socios, a policia acabou com a consciencia... dos seus objectores.
— O Turismo ficou realmente sensibilisado com o acontecimento lutuoso dos aviadores...
— Porque?
— Pois não se resolveu guardar um minuto de silencio?

BODAS DE OURO COM A ARTE

D. Chiquinha Gonzaga aos 17 annos, quando escreveu sua primeira peça.

A data que hoje transcorre é de gloria para uma artista brasileira, a inspirada compositora patricia Dona Francisca Gonzaga, pois se completam 50 annos que foi representada sua primeira peça, a opereta: "Côrte na roça", com libreto de Palhares Ribeiro.

Foi representada em 1885, pela Companhia Souza Bastos, no antigo *Theatro Principe Imperial*, onde foi depois o *São José*, e é hoje, por interessante coincidencia, a *Casa do Caboclo* onde se representam pilherias com a intenção de serem peças regionaes...

Dona Chiquinha Gonzaga, pela sua operosidade, pela sua grande bagagem musical, bem póde ser comparada a Coelho Netto, pela sua prodigiosa fecundidade literaria, escrevendo uma centena de livros e milhares de chronicas e artigos nos jornaes.

Ella escreveu e fez representar 71 partituras de operetas, *zarzuelas*, operas comicas, revistas, etc., tendo ainda cinco ineditas que são *As tres graças*, *Rêdes ao mar* e *Romeu e Julieta*, operetas, *Desfilada dos mortos*, peça sacra e *De volta á Patria*, peça de costumes.

Não têm conta as musicas avulsas compostas e publicadas por ella, como valsas, polkas, cançonetas, duettos, tercettos, modinhas, canções, etc.

Dentre as cançonetas que fizeram época se conta a intitulada: "Para a cêra do Santissimo", critica aos antigos "irmãos da opa" que esmolavam pela rua, de saccola em punho, e da qual foram tiradas, só no primeiro anno, 18 mil exemplares!

Acontecia que os cançonetistas que cantavam tal musica faziam boa feria, pois choviam nickeis no palco... "para os cigarros do artista", ao em vez de "para a cêra do Santissimo"...

A representação da sua primeira peça, ha meio seculo, "foi a maior novidade artistica da semana", como disseram os criticos daquelle tempo, ao elogiarem a belleza e originalidade da partitura.

Outra composição sua, que correu de norte a sul do Brasil e foi até a Europa, causando successo na França e na Allemanha, foi o celebre "Corta jaca", immortalizado pelos populares duettistas "Os Geraldos".

Ha na sua vida artistica um interessante episodio revelado pelo saudoso Dr. Avelino de Andrade, orador da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes, de que Dona Chiquinha Gonzaga foi fundadora:

Certa noite, após um dia inteiro de luta, leccionando piano na casa das discipulas, precisava ella compor uma musica que lhe fôra encommendada.

Sentou-se ao piano para improvisar os primeiros compassos da musica pedida. A inspiração, porém, se recusava a vir em seu auxilio.

Cançada de esperar, adormeceu. Ahi foi que se operou o prodigio: Sonhou com uma deliciosa musica. Ao despertar quiz gravar no pentagramma as harmonias que lhe cantavam ainda no ouvido. Não tinha tempo, entretanto, porque deveria sahir cedo para as primeiras lições daquelle dia.

Sahiu; porém, para não esquecer a musica que ouvira em sonhos ia trauteando a melodia, gravando-a bem na memoria.

E diz o Dr. Avelino de Andrade:

— "Dias assim correram sem que a joven tivesse tempo de graphar os compassos da sua inspiração. Interveiu, porém, a tarde em que ella foi felicitar o grande compositor patricio Henrique Mesquita, por haver sido agraciado pelo governo luso com a commenda de S. Thiago. Em casa do mestre, na rua Formosa, hoje General Caldwell, encontraram-se, para o mesmo fim, diversos musicos de fama, entre elle o Calado, o "semi-deus" da flauta, Cyriaco Cardoso, o magico do violino, "Patóla" general em chefe do ophicleide, Saturnino e varios outros *marajahs* do violão e do cavaquinho, toda essa phalange brilhante, na residencia do maior pistonista da época.

Podia-se prever, mais ou menos, o resultado de tão luzida companhia, tanto que a vizinhança, de ouvido alerta, já se debruçava pelas janellas e saccadas, notando-se, mesmo, que os mais impacientes formavam grupos em frente á casa. Mas o que aconteceu nessa tarde é que ninguem podia calcular...

Na sala, á beira da rua, um magnifico piano abriu-se, por encanto, mostrando a dentadura de marfim num sorriso enamorado para a Chiquinha.

Ella não resiste. Acode, electrizada, ao convite. Percorre o teclado com seus dedos nervosos, frios de emoção, perfumando o ambiente com os primeiros accórdes de experiencia, improvisados, timidos, alviçareiros. Depois, quasi em surdina, ouvem-se os primeiros vagidos da musica que ella trazia nalma. O piano estremece. Vibram-lhe nas veias sonoras o enthusiasmo, a ventura e o galardão em servir de berço á pequenina fada. Illuminam-se os olhares, em torno. Ha surpresa a principio. Encantamento após. A seguir, o delirio. E a melodia cresce, como a sahir de crysalidas occultas, esvoaçando, languida, provocadora, amorosa, entre affagos e madrigaes de accórdes enamorados. Era uma polka que dominava, sacudia, empolgava, até arrastar os violões, a flauta, o piston, o violino, o ophicleide, os cavaquinhos ao alcance dos donos, organizando-se logo a orchestra arrebatadora que sómente regida pela batuta de um deus podia ser imaginada!

Lá fora a multidão agitava-se, avolumava-se, acotovelava-se, enchendo a via publica, paralysando o trafego dos bondes, applaudindo com palmas e brados, reclamando, insaciada, que repetissem a musica maravilhosa, que attrahiria a cidade inteira se a policia não chegasse para desembaraçar o transito!

Assim com um tal poder de attracção, estava, naturalmente, baptizada sua primeira polka: *Attrahente*.

Como este episodio outros muitos se contam na vida artistica da querida e veneranda maestrina que, se fosse escrever sua auto-biographia, teria de produzir volumes mais alentados do que os grossos albuns de "recortes" de noticias a seu respeito que João Gonzaga, seu dedicado filho, colla pacientemente, carinhosamente, naquelles relicarios de glorias e triumphos justamente merecidos.

D. Chiquinha Gonzaga junto ao seu piano.

Baroneza de Rezende

AO AMIGO DR. MAX FLEIUSS

Baroneza de Rezende

PIRACICABA, a fidalga "Princeza da Collina", tão celebrada pela pujança de liberalismo e pelo encantamento sublime do ardor patriotico de seus filhos, do extincto regimen aos dias que correm; tão decantada pela sua febricitante actividade agricola, pelas suas instituições de cultura intellectual e pelo magestoso Salto do rio homonymo, ciosamente guarda uma reliquia do nosso passado: a veneranda Sra. Baroneza de Rezende.

Vetustas arvores, de nodoso tronco e numerosa ramagem, em meio de farta e convidativa sombra, como si a quizessem isolar da ambiencia hodierna, circumdam a morada que enthesoura a preciosa existencia daquelle vulto, delicado e pequenino, quasi nonagenario, da monarchia brasileira.

Mais do que o fulgido brazão de seu titulo nobiliarchico, mais do que a respeitabilidade dos alvos cabellos que lhe emmolduram a fronte, tem ella a engrandecer-lhe a vida — valetudinaria e meritoria — a doçura do olhar, a meiguice da voz, a lhana simpleza do trato, a fama de suas virtudes e o renome de suas benemerencias. Os seus oitenta e oito annos não lhe rilharam a finura aristocratica do espirito, nem a vilta das rugas lhe desfolhou, de todo, a belleza de sua physionomia, irradiante de bondade.

Com que ternura evocámos os fugitivos momentos que a seu lado passámos, sob o mesmo tecto em que o imperador D. Pedro II, em 1886, a visitou, e no qual, pouco depois, se hospedou o Conde d'Eu, acompanhado por numerosa comitiva, esplendente de fardões, pontilhados de fulvos bordados e vistosos crachás. Tempos idos, do Barão Homem de Mello, merecera aquella solitaria mansão conventual o conceito de ser "regio solar".

Gratas emoções nos cantaram na alma emquanto, na mente, reviamos, de velludos, sedas e rendas coberto, o desfilar de todo um cortejo que por ali avultara em dias de festa, sob o flammejar das luzes e o cascatear de risos discretos, nobre e magestoso, estonteante de custosos brilhantes e perolas, recamando collos e lantejoulando delicadas mãos femininas, que agitavam leques de plumas...

Ante nós se moviam, como por encanto, polidos e solemnes, vida retomavam, os portadores de nomes respeitaveis de outros tempos, cujos retratos, até hoje, guarnecem a casa senhorial dos Barões de Rezende: Estadistas, parlamentares, politicos, ministros e grandes titulares da nobreza patricia do 2° Imperio, de calva voltaireana uns, quando outros exhibiam nutridas e arrogantes cabelleiras, por nós passavam, graves e austeros, ostentando insignias e condecorações, casacas, fardas e espadins.

Ainda recopilámos mentalmente o succeder de acontecimentos preteritos e o resurgir de figuras e vultos de antanho, sumidos embora no vortice absorvente da patina dos tempos.

Luminoso memorial, ennastrada galeria!

Do sonho acordado que nos absorvera, conduziu-nos á evidencia da realidade presente a voz amiga do Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, nome, de sobejo, conhecido e respeitado em todo Estado de São Paulo, pela inteireza de seu caracter, pela sua proficiencia de facultativo e pelo seu valor na cathedra como expoente emerito do magisterio superior, exercido annos a fio.

Foi elle quem nos foi mostrando o parque e as varias dependencias do longevo solarengo, gentilmente nos apresentando á Senhora Baroneza de Rezende. Affavel, com um sorriso a brincar-lhe nos labios, desde logo ella se impoz á nossa sympathia, discreteando com facilidade e humorismo admiraveis, sobre varios assumptos.

Quando lhe solicitámos a honra de posar especialmente para a objectiva da nossa Kodak, assentiu, com benevolencia, não sem dizer, gracejando:

Residencia da Baroneza de Rezende.

— Melhor seria me informasse, a tempo, desse seu desejo, menino, (acredite quem quizer na meninice de um trintão já passado!), pois, me prepararia para attendel-o, vestindo outra indumentaria, ondulando os cabellos e fazendo uso do *bâton* e carmim, segundo as exigencias da moda.

Da magnanimidade de seu coração um facto, apenas, servirá de testemunha, na exuberancia rára de sua belleza moral: Hoje servo de confiança, com a titulada matrona, vive um antigo escravo, de nome Raphael, actualmente com mais de sessenta e cinco annos de edade que, logo após haver nascido, sob o estigma da raça infortunada de Cham, orphão ficou de mãe, sendo democratica e caridosamente amammentado pela propria Senhora Baroneza de Rezende!

Poucos sabem da nobreza sem par desse gesto — o que mais lhe encarece o merecimento — e que, por certo, sem premeditação, em sentido contrario, reproduz a dedicação da ala sacrificada, que Basilio de Magalhães immortalizou em versos cantantes, baseando-se num conto phantasiado de Eça de Queiroz.

ARLINDO DRUMMOND COSTA

Salto de Piracicaba, nas proximidades da cidade.

O PAVOROSO INCENDIO DE LANSING

Vista do quarteirão onde foi registrado o colossal incendio. Ao centro, as ruinas do Hotel Kerns, ainda envoltas em densa fumarada.

Um lindo exemplo de amor filial dá-nos esta photographia, que nos apresenta Betty Van Dyne em visita a seu pae, uma das victimas do incendio de Lansing.

Os bombeiros combatendo as chammas que devoravam o Hotel Kerns.

A' procura de cadaveres nas aguas do Grand River, onde teriam perecido umas oitenta pessoas.

Embora o fogo estivesse extincto, os bombeiros continuaram a molhar os escombros do Hotel Kerns. Procurando escapar ao sinistro, algumas pessoas cahiram no rio, coberto de gelo.

EM 5 de Dezembro ultimo, um incendio medonho destruiu completamente um dos principaes quarteirões de Lansing, no Michigan (E. U.). Vinte edificios foram presa das chammas, entre hoteis, restaurantes e estabelecimentos de commercio. No numero dos predios sinistrados contava-se o Hotel Kerns, de 4 andares e 300 quartos. Os prejuizos montaram a milhões de dollars. Pereceram na hecatombe centenas de pessoas e entre ellas alguns politicos, que haviam ido a Lansing para tomar parte numa convenção. Os bombeiros de Michigan tiveram seus nomes registados nas folhas americanas por actos de bravura e de benemerencia.

RAINHA DA PRIMAVERA — Srta. Ione Dias, talentosa declamadora do Paraná que o "Gremio das Violetas", de Curityba, teve o bom gosto de eleger "Rainha da Primavera de 1934".

ENLACE JULIETA BARCELLOS COSTA — JOSE' PERCINI — A noiva é filha do Sr. João Ferreira Costa, activo auxiliar da administração de "Vanguarda".

O NATAL NO CLUB RUSSO — Aspecto tomado na noite de Natal, no Club Russo, quando Papae Noel apparecia com o seu sacco cheio de brinquedos.

AS NOVAS PROFESSORAS DO RIO G. DO NORTE — Srta. Maria do Carmo Freitas, que acaba de ser diploma da professora pela Escola Normal de Natal.

Senhora

SENHORITA...

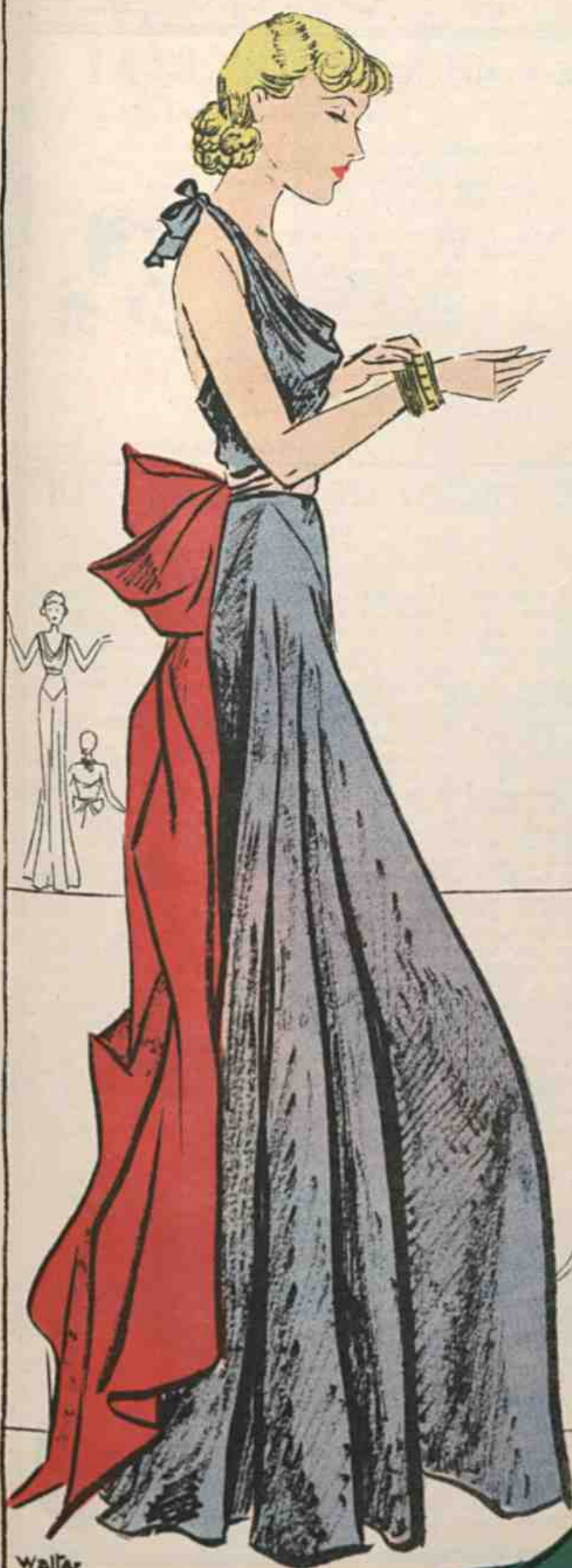
Fôram-se as festas de fim de anno.

Approximamo-nos das do Carnaval.

Assim, continuemos a pensar nos vestidos para de noite, cuja elegancia é cada vez mais flagrante.

Aqui estão, em numero de tres, longos de saias e largos de decote, coloridos de verde, de rôxo, de havana com reflexos de ouro verde. No da esquerda, uma faixa modernissima, de "taffetas", formando grande laço na cintura e comprida pela fimbria da saia.

Aliás, a meia estação de Paris no que menos transforma os trapos com que se vestem as mulheres é nos destinados aos vestidos para de noite. Porque nos de dia, nos chapéos, principalmente nas mangas a reforma é quasi completa. São detalhes que na proxima vez aqui figurarão, possivelmente illustrados.

Sorcière

DE TUDO UM POUCO

NICOLAU PAGANINI

Em Genova, na sala verde do Palacio Municipal, chamada Sala das Reliquias, dentro de um nicho forrado de setim azul celeste com tampa de crystal biselado, debaixo de uma redoma de vidro, está o violino de Nicolau Paganini. O celebre instrumento, delicado e mysterioso, feito de sciencia e paciencia, em alguns logares gasto pelo uso, é um exemplar dos famosos Guarnerios de Jesus, conservando ainda, no interior, o nome do fabricante impresso num pedaço de papel visivel através do "f" esquerdo. Lêem-se nelle, em caracteres da época: "Joseph Guarnerios fecit, Cremone anno 1742", e as letras que são de Jesus: I. H. S.

De vez em quando, o instrumento precioso, que sob os dedos do grande acrobata do arco suscitou os enthusiasmos delirantes das multidões européas, é retirado da urna de crystal para honrar os "virtuosi" da arte, capazes de despertar os sons magicos das fibras dormidas. Sivori, Preve, Gacigalupo, Moresco, Campanari, La Rosa, Kocian e Huberanann, desfructaram a ambicionada concessão.

Pallido e debil, de cabeça grande sobre pescoço alto e fino, fronte espaçosa e quadrada, nariz grande, solido e curvo, um sulco de cada lado das narinas descendo até os angulos da bocca quasi sem dentes, de expressão maliciosa e ironica como a de Voltaire, faces encovadas, barba á moda de Wagner, sobrancelhas fortemente arqueadas limitando orbitas profundas occupadas por olhos magneficos, cabellos negros e bastos que cahiam nos hombros — eis Nicolau Paganini em plena maturidade de homem e de artista.

Quando, empunhando o guarnerio, arrancava das cordas trinos e gorgeios "aflautados" e "pizzicatos", dominando a orchestra, simulava, ás vezes, arrebentar a prima para continuar o trecho só nas tres cordas que lhe restavam.

O proprio Paganini conta, em carta dirigida a um de seus admiradores de Vienna, que nada havia de excepcional na sua arte, porque vira, com seus proprios olhos, que, emquanto tocava *As Bruxas*, o diabo guiava-lhe o arco e a mão.

Falava-se, effectivamente, de influencia diabolica, de espiritos infernaes, de pactos abominaveis para justificar os fulgurantes prodigios de sua acrobacia musical.

Dizia-se que era um mago. O delirio do auditorio quando executava *Caprichos* ou *A oração de Moysés* na quarta corda, era tal que a principio ficava desorientado, passando depois a acreditar em *influencia sobrenatural*.

Assim tambem nasceu uma lenda famosa baseada em accusação ignobil: dizia-se que Nicolau Paganini réo de homicidio, fôra condemnado a oito annos de prisão. Na solidão do carcere conseguira elle o auxilio do demonio, o qual lhe revelou os segredos de sua arte e lhe deu habilidade para tocar em uma só corda, quando, devido á humidade da cella, as outras se haviam rompido.

Compendiou esta calumnia oral uma figura de lytographia, difundida em Paris em 1832, na qual se vê Paganini no carcere, sentado em misero leito, com o violino apoiado no queixo, procurando concertar as cordas á luz de um raio de sol.

Ninguem sabia dizer quando occorrera o delicto nem quem fôra a victima. Chegando isso a converter-se em franca accusação, Paganini escreveu e divulgou altiva carta na qual demonstrava que não poderia permanecer oito annos no carcere, porque, desde os quatorze apresentava-se em publico; devia, pois, haver commettido o delicto com a idade de seis annos. Demonstrava tambem de que modo e onde haviam transcorrido todos seus annos, e enumerava os cargos e excursões artisticas, confirmando as affirmações com datas; por fim, para justificar ainda os proprios accusadores ante a opinião publica, suppoz um equivoco, e recordou que pelo anno de 1798, em Milão, um violinista chamado Duranoski havia sido preso por tentativa de assassinio de um padre. Condemnado a vinte annos de carcere, foi posto em liberdade no fim de dois annos. — Possivelmente, dizia Paganini, este successo deu origem á deploravel lenda. Não obstante estas concludentes provas, muitos annos ainda depois da morte do artista, muitos continuavam crendo num Paganini homicida e encarcerado.

Accusaram-no tambem de avareza. Outra calumnia. Paganini, foi, na mocidade um jogador desenfreado, a ponto de se ver ás vezes reduzido até a perder o violino. Emendou-se disso, praticou economia, mas muitas vezes, tocou gratuitamente, e soccorreu, sem alardes, necessitados; depois da morte de seu pae, encarregou-se de sustentar a mãe e uma das irmãs, emquanto emprestava á outra cincoenta mil liras que nunca lhe foram restituidas; pagou as dividas de jogo de um cunhado; quando em Vienna se separou de Antonieta Bianchi, deu um concerto em beneficio desta, deixou-lhe mil escudos e lhe fez um legado que lhe assegurava mil e duzentas liras de renda.

"Studio" confortavel

FEMINA...

Para o Christo Redemptor

Todos vieram trazer-te, ó Christo, humildemente
Ou rico, ou pobre o seu quinhão.
E eu tenho as mãos vazias, e descrente
E mais vazio ainda o coração...

Mas em Teu nome alguem pedir-me veio
O obulo de um verso em Teu louvor.
E eu que não sei se creio ou se não creio,
Mas sei que está escripto:
"Ser do Senhor bemdito
Quem dá de coração, seja o que fôr."...

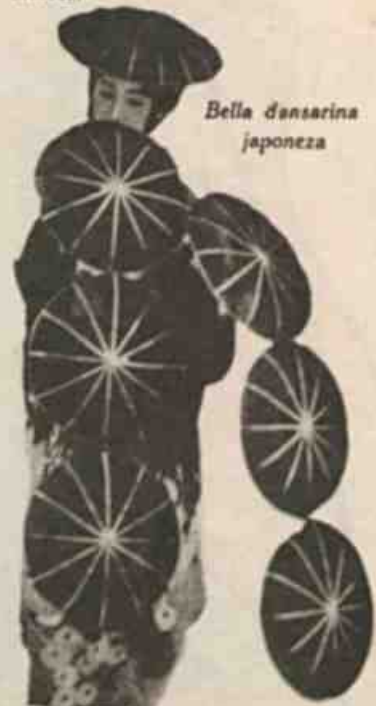
Na oblata, a um tempo pequenina e immensa
De quem sua alma dá, dando o que deu:
Se Te dou só minha descrença,
E' por ser o que tenho de mais meu!

MARIA EUGENIA CELSO

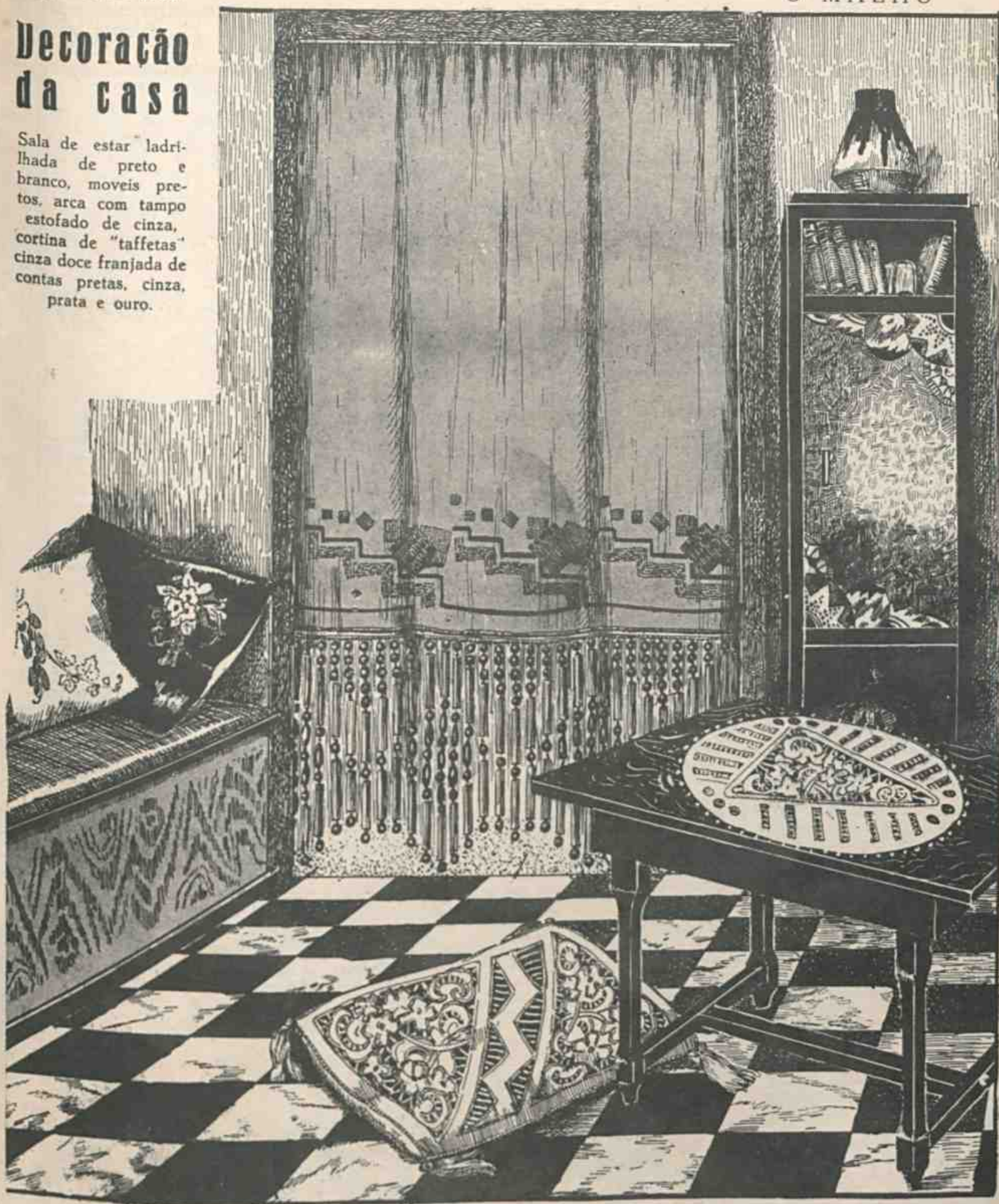
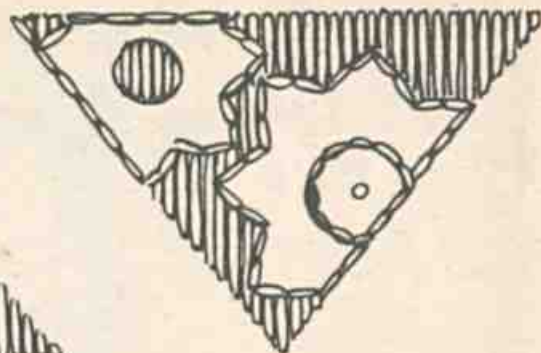
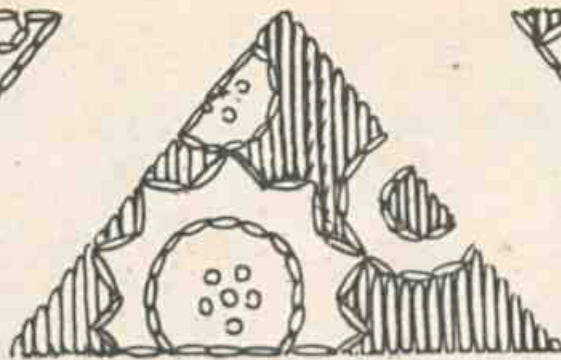
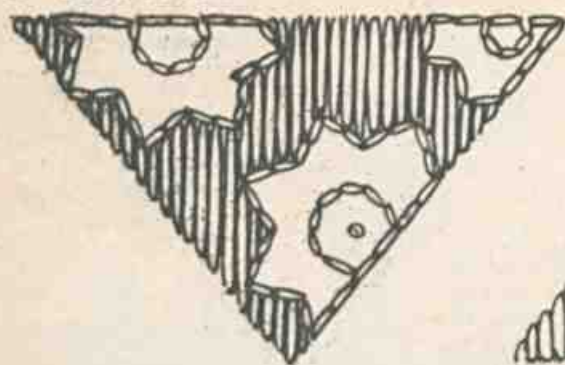
E' PRECISO SER BELLA PARA SER FELIZ.

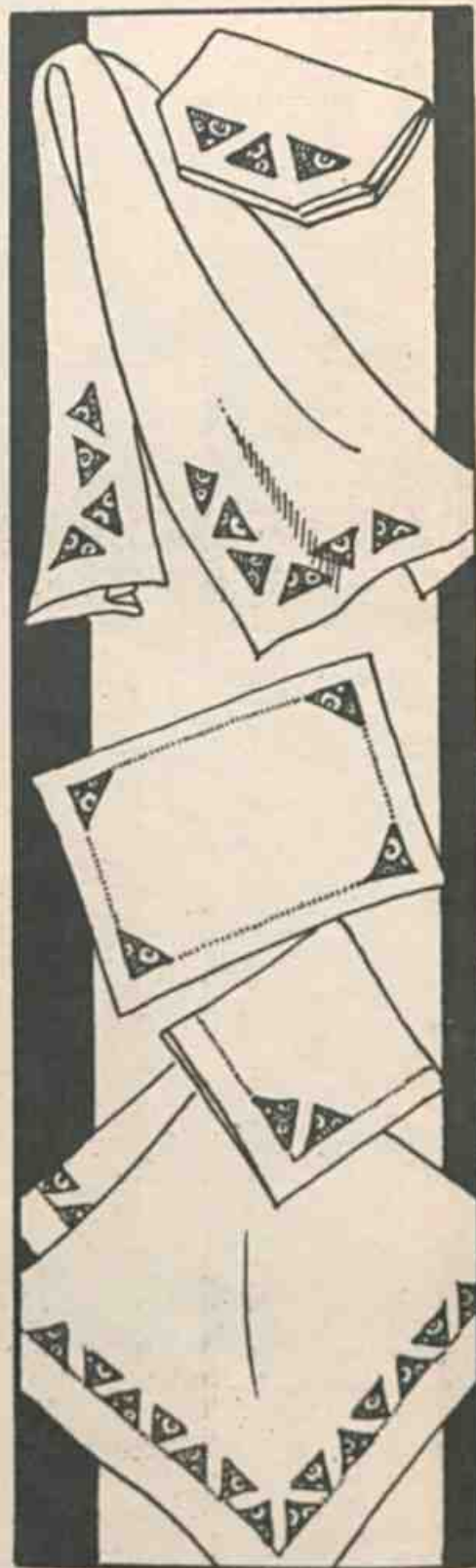
(Trecho de uma chronica de Julio Dantas.)

A mulher bella no conceito de uns, pode não o ser no conceito de outros; e muitas vezes, tendo de estabelecer a preferencia entre a formosura de duas mulheres, é a menos bella que nos agrada mais. Isto não quer dizer, evidentemente, que nós a preferimos, pelo facto de ser menos favorecida de belleza, mas porque possue o poder de attracção, a força de sympathia; porque da sua pessoa se desprende a intensa irradiação espiritual que — na phrase de lady Standing — "vale mais do que a perfeita harmonia das linhas". Entretanto, a belleza de expressão é belleza tambem, a tão justo titulo como a belleza classica; e, dentro desta ordem de idêas, somos obrigados a concluir que não ha apenas, na mulher, uma belleza; que ha muitas bellezas differentes, o que sobremaneira complica a questão. Para se poder, com certa segurança, pôr o problema, é preciso estabelecer que as mulheres se dividem em duas categorias: as que, por um conjuncto variavel de qualidades, attrahem o homem, e as que por um conjuncto variavel de imperfeições, o repellem. Collocada a questão nestes termos, temos de concluir que as primeiras muito mais facilmente realizam as aspirações proprias do seu sexo e attingem a plenitude do prazer de viver (a que, por commodidade de expressão, chamamos felicidade) do que as segundas, desherdadas do destino, mal dotadas pela natureza, e tantas vezes excluidas, pela sua fealdade, das alegrias da familia e do lar. Donde se infere que as bellezas celebres do *Evening News* não têm razão.

Tel-a-iam, porém, as feias, se porventura — tão absolutas como as bonitas — considerassem a belleza da mulher indispensavel para a sua felicidade? Decerto, não. As mulheres bellas, precisamente porque o são, estão expostas a perigos de varia ordem que não ameaçam, em regra, as feias. Se olharmos bem a vida, temos de reconhecer que o martyrologio da mulher e, sobretudo, o martyrologio da sua belleza. A formosura não passa de um doloroso Calvario que as desherdadas desse dom magnifico estão livres de subir. Em volta das mulheres bonitas existe permanentemente a conspiração das paixões brutaes, a perseguição dos desejos violentos do homem; a feia, pelo contrario, vive tranquilla, ninguem a persegue, ninguem a perturba, e, se é certo que á paz do corpo e do espirito se pode chamar tambem felicidade, ella é feliz. Conhecem o apologo do sabio grego e da joven atheniense, pouco favorecida dos deuses, que colhia rosas num jardim? — "Gostava tanto de ser bonita!" — dizia ella, cortando cerce pelo pé a mais bella rosa vermelha que encontrou. — "Para que — respondeu o sabio — se as rosas mais bellas são as primeiras a morrer!"

Bella dansarina japoneza

Decoração da casa

Sala de estar ladrilhada de preto e branco, moveis pretos, arca com tampo estofado de cinza, cortina de "taffetas" cinza doce franjada de contas pretas, cinza, prata e ouro.

BORDADO

Triangulos bordados "au passé", de linha brilhante ou linha de seda, apropriados á "lingerie" em geral.

COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Florence Rice é a singular e elegantissima protagonista do super-film FUGITIVA (Fugitive Lady) que a Columbia lançará no começo deste anno.

Adornos de "piqué" e botões num vestido de crêpe branco e preto...

"Écharpe" branca listrada de verde num vestido de setim preto...

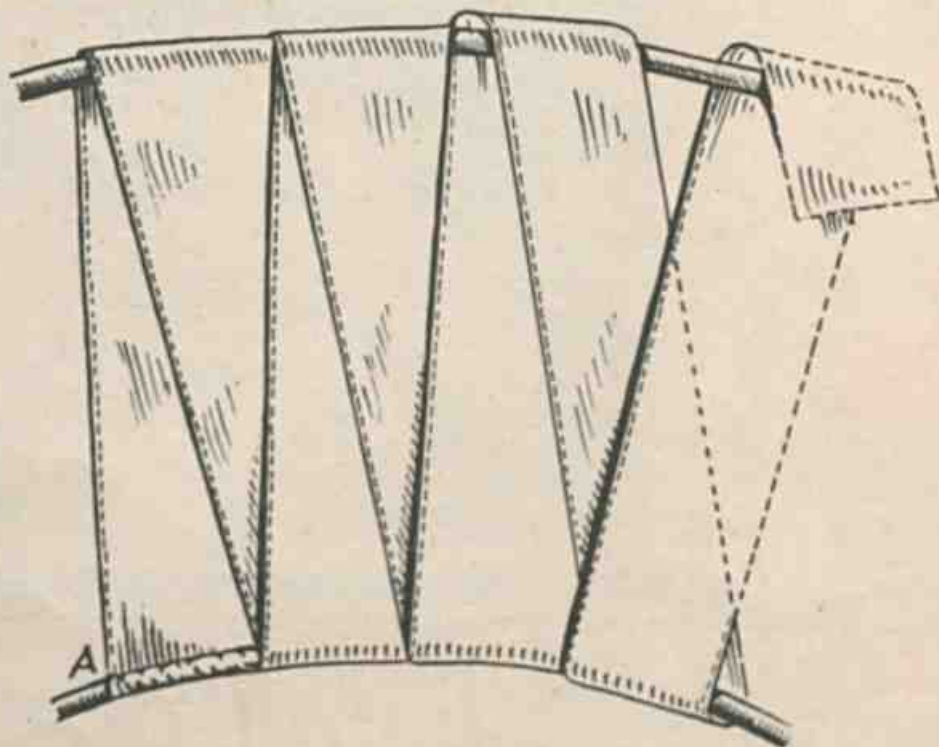
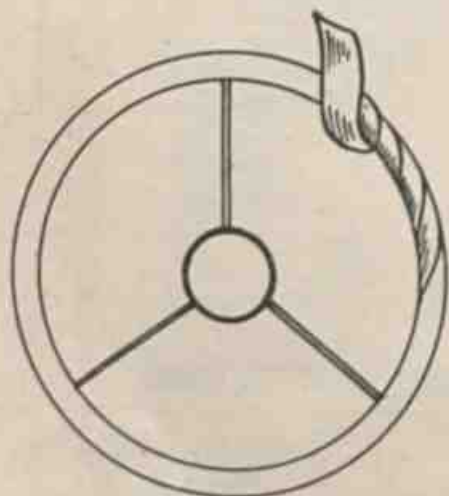
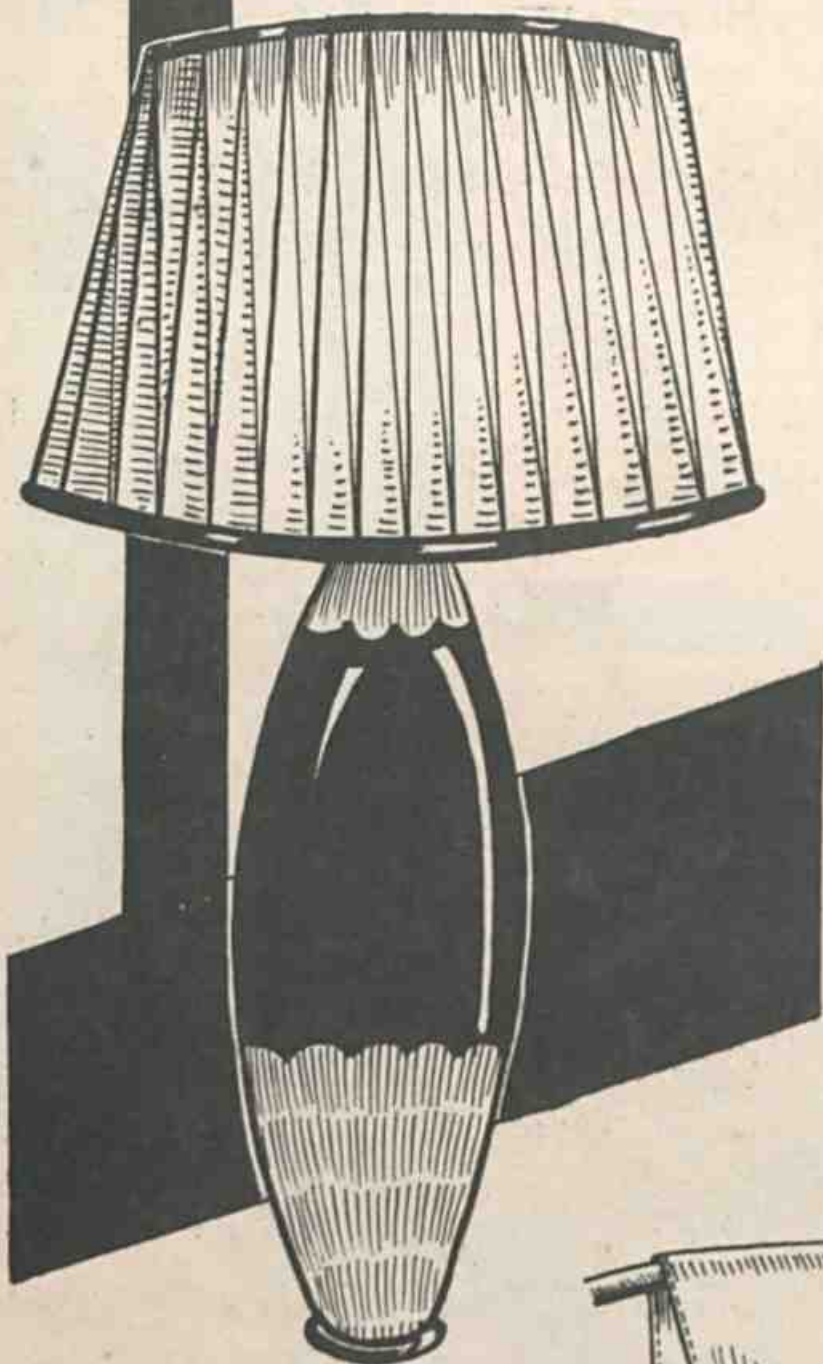
"Peau de gazelle" para este "ensemble" de luxo.

"Abat-jour" de fitas

O effeito deste trabalho é surprehendente e de execução facilima.

Tomemos uma armação de arame, sobre um ponto qualquer, prendamos a extremidade de uma fita de seda (ponto A) e levemos a fita ao aro superior da armação; voltemos continuando até havermos dado a volta á armação.

Para terminar o abat-jour assim coberto, collocamos, pelo lado exterior, sobre os bordos, uma fita estreita de velludo, ou um galão fantasia.

Teremos assim executado maravilhoso motivo de decoração da casa.

TRAJES FEMININOS

Para jantar: vestido de setim branco, hombreiras e laço de "lamé" prata.

Para festa á noite: vestido de "peau de gazelle" preta, golla forrada, por traz, de "lamé" verde; sapatos do mesmo tecido.

Para dormir: camisola de crêpe setim azul pastel. fita de velludo preto.

Gracioso modelo de capa para dia chuvoso.

Casaco de flanella crême "chinée" de azul. Muito amplo, é confortavel e do genero esporte.

"Ensemble" para jantar: setim preto, guarnições de setim branco com reflexos de prata.

A MODA

Para gente meúda

"Ensemble" de crépe de lã rosa ou azul, composto de "manteau" e vestidinho.

Vestido de "trobalco" estampado, golla e punhos de fustão branco; vestido de cambraia branca estampada de azul, golla e punhos brancos; vestido de crépe amarello, bolas azul marinho; "garçonnet" de linho e seda rosa secco.

Vestidinho de tecido quadriculado; o mesmo tecido para blusa de um menino cujas calças são de flanella crême.

Tres graciosos vestidos para o verão. O do centro, de linho; os dos lados ficarão bem em "voile", cambraia, ou tecido apropriado a trajes de tal natureza.

Belleza e MEDICINA

O moderno tratamento das manchas da pelle

DR PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Entre as desgraciosidades cutaneas, as manchas, sem a menor duvida, occupam um logar de destaque. Apparecem em pessoas de ambos os sexos, em qualquer edade e nas partes mais variadas do corpo. As que se localizam no rosto merecem, entretanto, do esteta, especial attenção.

Possuem ordinariamente a côr amarella ou parda escura e são, quasi sempre, symetricas.

Começam por um ou mais pequenos pontos que, pouco a pouco vão augmentando, e em alguns mezes o rosto está todo pigmentado, cheio dessas manchas cor de café com leite e que caracterizam os chloasmas ou pannos.

Muitas vezes a propria luz actuando sobre a cutis provoca uma reacção que se exterioriza em maior producção do pigmento da pelle, dando em resultado a producção de manchas, como no caso das sardas. O tratamento deve ser, conforme os casos, interno e externo. Estudaremos hoje um optimo agente local. Modernamente tem se empregado o acido trichloroacetico. Já era um processo conhecido, porém voltou á therapeutica dermatologica com modificações de technic a bem apreciaveis. Nos casos muito accentuados de coloração da pelle os resultados são bem satisfactorios e melhores do que qualquer outro medicamento empregado. As applicações são renovadas todas as semanas ou mesmo de quatorze em quatorze dias nos casos mais benignos.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 51.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

Commodoro — Rua Santa Alexandrina, 33
Antonio Homem de Almeida — Rua dos Tenentes, 39 — V. Militar.
Perola Machado — Rua Copacabana, 1096.

ESTADO DO RIO

Leonor Cunha — Alameda S. Boaventura, 358 — Fonseca — Nictheroy.

MINAS GERAES

C. de Moraes — Rua Marianna, 1012 — Bello Horizonte.
V. de Paiva — Paraguassú.

SÃO PAULO

Carlos Ribas de Mello Leitão — Pindamonhangaba.
Luiz Gregorio — Rua Brigadeiro Galvão, 181 — Capital.

ESPIRITO SANTO

Felippe Carrillo — Avenida Sto. Antonio, 77 — Victoria.

MATTO GROSSO

J. Azevedo Guerra — Cidade de Ladario.

A solução exacta da 51ª carta enigmatica.

MÃOS

Quando, após a tua prece
As mãos separas sorrindo
O teu gesto me parece
O de um lyrio, suave e lindo
Que vae, de leve se abrindo...

Da autoria do poeta e prosador brasileiro Humberto de Campos.

CARTA ENIGMATICA

De um grande poeta brasileiro pertence a quadra que apresentamos em concurso aos nossos leitores. As soluções deste torneio devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 16 de Fevereiro, acompanhadas do "coupon" respectivo. Na edição d'O MALHO do dia 28 de Fevereiro apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção, sendo distribuidos entre os concorrentes que enviarem as soluções certas, e com o "coupon" que mais abaixo publicamos, *Dez* magnificos premios.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 54

Nome ou pseudonymo .. ..

.. ..

Residencia ... .

.. ..

Uma de Sem...

UMA de Sem, quem não quer?

A proposito da morte do celebre caricaturista e humorista francez, uma gazeta parisiense conta esta anecdota.

No bar do "Journal", pediram, certo dia, ao desenhista que désse uma definição exacta do que devia comportar um desenho satyrico, para poder agradar-lhe e responder ás suas concepções.

Sem objectar *sem* pestanejar:

— Ora, ora, ora! Pouco o muito. Uma ligeira... uma simples linha symbolica, fazendo crer que o artista tem espirito até á ponta das unhas, e... unhas até á "ponta"... do espirito!...

ANNUARIO DAS SENHORAS

UM THESOURO PARA O LAR

PREÇO 6$ **Á VENDA** PREÇO 6$